

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Renata da Silva Malta

**Investigando processos de ensino da leitura e escrita na
escola: contribuições para a formação de professores.**

São Gonçalo

Janeiro

2010

Renata da Silva Malta

Investigando processos de ensino da leitura e escrita na escola: contribuições para a formação de professores.

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ



Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta obra.

Assinatura

Data

Renata da Silva Malta

Investigando processos de ensino da leitura e escrita na escola: contribuições para a formação de professores.

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: _____

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo

2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho á todos os pedagogos mais especificamente aos professores alfabetizadores, aos que acreditam que podemos formar leitores na alfabetização.

AGRADECIMENTOS

Ao grande e eterno Deus por ter me concedido a oportunidade de produzir este trabalho.

A minha orientadora Jacqueline, pela sua dedicação e confiança.

Aos meus pais Nilso e Lourdes, por me ajudarem, por se fazerem presentes nos momentos difíceis da minha vida.

A minha irmã Fernanda, que mesmo com tanta dificuldade de entender este momento, se esforçou para me ajudar.

A diretora Maria Cecília Vaz, que permitiu que eu realizasse a observação da monografia em seu colégio.

A professora Josilea, que me recebeu em sua sala de aula de braços abertos.

A minha amiga Valéria, pela sua força e incentivo.

Aos meus amigos, que diretamente e indiretamente me ajudaram para que este trabalho fosse concluído.

A todos,
Muito obrigada!

O papel do pedagogo é um papel político. Sempre que o pedagogo deixou de “fazer política”, escondido atrás de uma pseudo-neutralidade da educação, estava fazendo, com a sua omissão, a política do mais forte, a política da dominação. Não acredito numa educação neutra: ou fazemos uma pedagogia do oprimido ou fazemos uma pedagogia contra ele.

(Gadotti)

RESUMO

Essa monografia é fruto de uma reflexão sobre a minha aprendizagem da leitura e escrita, e uma análise da mesma em contrapartida com a metodologia de ensino da leitura e escrita, atuais, dentro do contexto em que fiz estágio. Busquei compreender como se constituíram as práticas de leitura ao longo da história humana, dentro e fora do ambiente escolar. As várias metodologias que foram criadas, para facilitar o processo de ensino-aprendizagem na alfabetização e a importância de se alfabetizar partindo da compreensão e o sentido próprio da leitura e escrita, ao aluno.

Palavras – chaves: Leitura. Escrita. Metodologias. Alfabetizar. Sentido.

ABSTRACT

This monograph is fruit of a reflection on my learning of the reading and writing and an analysis of same on the other hand with the methodology of education of the reading and the writing current inside of the context where I made period of training. I searched to understand as if they had constituted practical of reading throughout history the human being inside and outside of the pertaining to school environment. Some methodologies that had been servants to facilitate to the process of teach-learning in the learn and the importance of if learning breaking of the understanding and the precise meaning of the reading and writing to the pupil.

Keywords: Reading. Writing. Methodologies. Learning. Felt.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O ato de ler.....	22
Figura 2 – Imagem de uma caverna da serra da capivara.....	25
Figura 3 – A escrita cuneiforme escrita em tábuas.....	26
Figura 4 – Símbolos que formaram o alfabeto desde a antiguidade.....	26
Figura 5 – Alfabeto Grego.....	28
Figura 6 – Evolução da escrita chinesa.....	29
Figura 7 – Papiro como suporte a escrita. Precursor do papel.....	30
Figura 8 – Imagem do vegetal que dá origem ao papiro.....	31
Figura 9 – Pergaminho.....	32
Figura 10 – Os gregos preferiam falar e ouvir.....	33
Figura 11 – A mais antiga e famosa evidência epigráfica latina.....	33
Figura 12 – A Bíblia dos Jerónimos III.....	35
Figura 13 – ABC da Infância Primeira coleção de cartas para aprender a ler.....	37
Figura 14 – A Cartinha de João de Barros.....	38
Figura 15 – Cartilha Maternal de João de Deus.....	39
Figura 16 – Página da “cartilha Maternal” de João de Deus.....	40
Figura 17 – Fragmento da "Cartilha Escolar" (1912), de Domingos Cerqueira.....	43
Figura 18 – Fragmento da "Cartilha Escolar" (1912), de Domingos Cerqueira.....	44
Figura 19 – 1ª edição 1912.....	45
Figura 20 – 1ª edição 1912.....	46
Figura 21 – Pg. 12 da Cartilha Porta Aberta.....	52
Figura 22 – Pg 15 da Cartilha Porta Aberta.....	53
Figura 23 – Pg. 20 da Cartilha Porta Aberta	56
Figura 24 – Pg. 153 da Cartilha Porta Aberta.....	57
Figura 25 – Pg. 123 da Cartilha Porta Aberta.....	59
Figura 26 – Pg 51 da Cartilha Porta Aberta	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. MINHA: HISTÓRIA COM A LEITURA	13
2. A HISTÓRIA DA LEITURA: ALGUMAS PISTAS.....	24
2.1. E Tudo Começou Nas Cavernas.....	24
2.2. A História Da Escrita.....	25
2.3. Chegamos A Leitura: A História De Uma Prática Cultural.....	29
2.4. A Leitura Na Antiguidade	32
2.5. A Leitura Na Idade Média	34
2.6. A Leitura Na Idade Moderna.....	37
3. A LEITURA NA ESCOLA: A CARTILHA COMO CENTRALIDADE	42
3.1. Metodologias	43
4. O ENSINO DA LEITURA NA CARTILHA PORTA ABERTA	51
5. CONTRIBUIÇÃO DO PCN NA ALFABETIZAÇÃO.....	62
5.1. Estratégias de Seleção.....	63
5.1.1 <u>Estratégia de antecipação</u>	63
5.1.2 <u>Estratégia de interferência</u>	63
5.1.3 <u>Estratégia verificação</u>	63
5.1.4. <u>Algumas atividades que o professor deve pensar com relação à leitura..</u>	63
5.1.5 <u>Aprendendo a escrever</u>	64
5.1.6 <u>Trabalhando com o nome próprio</u>	65
5.2 Algumas Atividades que o Professor deve Pensar com Relação à Leitura.....	69
CONCLUSÕES	71
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

A questão da leitura, e da construção de um (a) leitor (a) no processo de alfabetização tem sido uma constante para mim, elaboração deste trabalho.

A leitura e a escrita são fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade atual. O ato de ler pode fornecer ao leitor o acesso à informações e uma visão do universo ampla e complexa, e também à ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da criticidade e o interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos variados que, além de instigar o leitor a pensar criticamente diversas questões, pode impulsionar suas relações sociais.

Para a criança, é preciso haver significado no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, para que haja o despertar do seu interesse. As crianças passam a prestar atenção à leitura e à escrita das palavras quando estas começam a fazer sentido no texto.

Para o desenvolvimento deste trabalho, procurei material de autores que desenvolveram estudos e pesquisas sobre a leitura no processo de alfabetização, material, este, indispensável para o professor alfabetizador que busca aprimorar a criticidade necessária nas atividades práticas relacionadas ao ensino da leitura em sala de aula.

Todas as discussões que tive a oportunidade de fazer ao longo de minha trajetória e por tudo que vivi como aluna e educadora, optei por discutir em minha monografia a temática da alfabetização.

Sempre me perguntei *“como o professor na alfabetização pode tornar seus alunos leitores?”* Ao longo da minha trajetória de vida percebi a necessidade de me tornar uma leitora. Na disciplina de estágio II, estagie em uma turma de alfabetização. Percebi que as mesmas dificuldades de aprendizagem que eu havia passado na minha alfabetização, estas crianças estavam vivendo. Isto me levou a refletir sobre uma alfabetização que tivesse sentido e significado, ao mesmo tempo que tornasse o educando um leitor. Este tema foi sendo construído ao longo da escrita da monografia. Percebi que com tantas evoluções e progressos tecnológicos ainda reproduzimos métodos antigos e ultrapassados no cotidiano das escolas.

Percebo haver sempre uma preocupação em como alfabetizar. Qual o método utilizar para alfabetizar? O que eu deveria fazer para que a alfabetização tivesse sentido e significado para os meus alunos? Como influenciar os meus alunos a serem leitores?

Ao longo da história, a alfabetização sempre foi realizada de modo a ensinar a codificar e decodificar palavras, tendo como foco o desmembramento da palavra em pedaços: sons, sílabas, palavras ou pequenas frases .

Nesta monografia utilizei-me de uma pesquisa bibliográfica. Os principais autores que me acompanharam nesta monografia foram: Soares, Magda, Barbosa, José Juvêncio, Carvalho, Marlene, Feil, Iselda, Terezinha Sausen.

O segundo capítulo registra uma retomada histórica da leitura.

O terceiro capítulo relata a cartilha como pré-livro e suas metodologias.

O quarto capítulo é analisado a cartilha Porta Aberta.

O quinto capítulo apresenta o PCN e a sua contribuição a alfabetização.

Ressalto, que a construção desta monografia contribuiu em muito para meu aprimoramento e ampliação de minha visão enquanto alfabetizadora e educadora.

1. MEMORIAL: MINHA HISTÓRIA COM A LEITURA

Escrever um memorial de formação é fazer uma busca na nossa memória, trazendo experiências que foram vividas, momentos de grande, ou de pouca, felicidade que fizeram parte da nossa história de vida.

É recordar sobre o passado e refletir sobre a nossa história de vida e de pessoas que influenciaram em nossa formação. É como se estivéssemos costurando uma colcha de retalhos, cada pedacinho é de suma importância na confecção da colcha. No memorial é assim, voltamos ao passado e cada experiência constitui no que somos hoje.

Como diz Prado e Soligo (2005, p. 57):

Um memorial de formação é, acima de tudo, um modo de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então – a da experiência vivida por cada um de nós.

Acontecimentos que até então não tinham importância, percebo, ao escrever o memorial, que fizeram toda a diferença em nossa formação, não só acadêmica, mas também na nossa formação pessoal.

Recordar o período da minha alfabetização é fazer uma volta ao passado. É trazer à tona lembranças que foram vivenciadas por mim e que ainda são vividas por muitas crianças: a alfabetização com sentido, com significado. Ao longo dos anos, essas lembranças se tornaram inquietações. Inquietações estas que me levaram ao tema da monografia: conflitos cognitivos na alfabetização das classes populares.

Quando me foi dito que teria que escrever um memorial, Pensei: Por que tenho que relatar a minha experiência de vida? Pois, na escola sempre aprendemos que a nossa história não tem valor, só tem valor a história dos grandes escritores ou de pessoas importantes, que são reconhecidas como pessoas brilhantes e inteligentes.

Veio-me em mente, o quanto a escola nos ensina a não sermos autores da nossa própria história, até mesmo nos dizendo, que a nossa história não tem importância e que o importante é a história do outro.

Quando chegamos ao final de um curso na faculdade, e que nos é pedido um memorial, indagamos de nós mesmos: o que escrever? Por que e como escrever a minha experiência e história de vida?

A partir deste momento começaram a vir tantas lembranças em minha mente que não pude evitar um auto-questionamento: e agora, o que devo relatar? Qual acontecimento devo colocar no meu memorial? Foi aí que tive que fazer a seleção dos fatos, que me conduziram ao curso de pedagogia e ao tema da monografia.

Lendo o texto “porque escrever é fazer a história”, entendi que um memorial não é simplesmente contar algo que aconteceu em minha vida, mas, narrar acontecimentos que contribuíram para a minha formação. *Memorial (do latim memoriale) é a escrita de memórias e significa memento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis.* (PRADO E SOLIGO, 2005, pág.56).

Olhando por este âmbito ficou mais fácil narrar a minha história. Contar o trajeto que tive que percorrer para conquistar a minha formação.

Lembro-me que quando era criança ficávamos, eu e minhas colegas, nos perguntando: o que queremos ser quando crescermos?

A grande maioria dizia que iria casar-se com um rapaz bem bonito e ter filhos. Já eu dizia que queria ser aeromoça, só pra viajar de avião! E, depois de estar formada e trabalhando é que eu pensaria em me casar.

As minhas colegas acabavam me olhando com estranheza: como uma menina pobre, pode pensar em ser aeromoça e não pensar em se casar quando crescer? Mesmo assim, não desisti de sonhar em um dia poder ter uma profissão.

Lembro-me muito bem que minha mãe me dizia que queria que eu fosse professora, porque era a profissão que ela queria ter, mas não teve condições de concluir seus estudos. Quando eu dizia perto dela, que iria ser aeromoça, ela olhava pra mim com um sorriso nos lábios e me dizia: *queria tanto que você fosse professora!* Parecia que ela sabia o que eu iria ser!

Quando li o livro, “Como me fiz professora”, vi uma parte da minha história sendo contada por alguém que viveu o mesmo que eu havia vivido. Neste momento percebi como nossas histórias de vida se encontram. *Hoje consigo compreender que segui o caminho que minha mãe gostaria de ter seguido, muito*

mais que a falta de opção foi a forte presença do desejo que não era meu... (VASCONCELOS, 2000, pág.28).

Quando li esse trecho, vi a “minha história” sendo contada por alguém que não conheço, mas que havia tido a mesma experiência de vida que eu. Como a própria autora diz: “ela seguiu o caminho que a sua mãe gostaria de ter seguido”. Mais uma vez, vi as nossas histórias se encontrando e percebi que em meio a esse mundo gigantesco nossas histórias de vida não são as únicas a serem vividas e contadas. Confesso que me senti “importante”, só pelo fato de saber que alguém teve a mesma experiência de vida que eu tive.

Fui para a escola aos três anos de idade. Fiz o jardim I, II e o III. Com seis anos estava na alfabetização. Tive muitas dificuldades com o “mundo das letras” pela razão de não ter tido alguém que me auxiliasse em casa, com as tarefas escolares. Minha mãe levava minha irmã para fazer tratamento na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), onde ela passava o dia todo. Quando chegava à casa já era noite, não tendo muito tempo para me auxiliar com os meus exercícios da escola. Meu pai não tinha muita paciência para me ensinar, e para falar a verdade, eu tinha medo quando ele me ensinava à lição, sempre com gritos, isso fazia com que eu bloqueasse e não conseguia concluir o exercício. Certa vez ele acabou perdendo a paciência comigo e rasgou o meu caderno. No dia seguinte, estava eu na sala de aula sem o caderno de casa.

Fui reprovada na alfabetização, meus pais perceberam que eu precisava de um reforço escolar. No ano seguinte, estudei de manhã na escola e a tarde com a explicadora. Ufa! Nossa! Como foi difícil! Mas, consegui me alfabetizar! *Eu ia balbuciando com uma voz tensa, os olhos fixos no texto para juntar as letras. E, naturalmente, um texto não quer dizer nada quando é declamado sílaba por sílaba...* (DOLTO apud, CARVALHO 2005, p.14)

O trecho acima citado por Dolto nos relata a dificuldade que algumas crianças enfrentam ao serem alfabetizadas. Precisam dar sentido a algo que não tem sentido e vivem sob pressão, pois precisam aprender a ler. Ou então, serão taxadas pela escola como crianças com dificuldades na aprendizagem.

Começamos a dar sentido às nossas experiências de confronto com o mundo que nos cerca. Como diz Freire (2008, p. 78). *Ninguém educa ninguém,*

ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Ninguém ensina ninguém a ler. A aprendizagem é solitária embora aconteça no convívio com os outros e com o mundo.

Eu tinha alguns livros de história infantil como Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e os Sete Anões, entre outros livros que não me lembro mais. Mas, o que eu mais gostava de ler era Chapeuzinho Vermelho. Eu “lia, e relia” as ilustrações, várias vezes ao dia.

Era uma leitura sensorial que envolve a visão, o tato, a audição, o olfato conduzindo ao ato de ler. Essa leitura está relacionada ao lúdico onde a criança vislumbra o livro, as suas cores, desenhos, cheiro e sons.

Um livro sem ilustrações não me encantava, não importava o que estava escrito, o que implicava eram os desenhos e as cores. A escolha era feita por aqueles livros que tinham muitas ilustrações, pois, estes eram fascinantes. Depois, começaram a surgir na minha vida os livros com poucas ilustrações, esses já não me atraíam tanto, como os ilustrados.

Às vezes, à noite minha mãe ia contar a história de Chapeuzinho Vermelho, se ela mudasse alguma coisa, eu sabia. E quando ela não lia para mim eu pegava o livro e começava a ler sozinha, eu fazia isso todo dia. Eu tinha um ciúme por aquele livro que ninguém podia pegá-lo, quando eu não estava lendo-o, ele estava bem guardado no guarda-roupa, os outros livros eu não me incomodava que alguém pegasse pra ler, mas o meu livro Chapeuzinho Vermelho ninguém podia pegá-lo.

Lembro quando pequei a minha cartilha e li a lição da galinha sozinha, nesse dia aquelas letras todas fizeram sentido para mim, foi como se tivesse dado um estalo em meu cérebro. Cheguei à sala de aula e li a lição todinha. Agora, eu podia ler o que quisesse. O primeiro livro que li, foi Chapeuzinho Vermelho, depois de ter feito tantas leituras sensoriais. Agora, eu estava lendo!

Vivi essa paixão de forma intensa, até que começaram a me exigir uma leitura que não era prazerosa para mim. Na escola começaram a escolher os livros que eu tinha que ler e geralmente estes livros não me despertavam prazer ao lê-los, lia por obrigação, para fazer uma prova de leitura e interpretação. *Assim, toda apaixonada, eu não queria largar o Raskolnikov: de dia, de noite, em*

casa, na escola, no ônibus, eu tinha sempre que estar abrindo o Crime e Castigo pra me encontrar com ele. Nunes (1988, p.15)

Concordando com Nunes: o leitor tem que se identificar com o livro, quando nos apaixonamos por um livro, ou por vários livros, nunca esquecemos suas histórias, que tanto nos fascinam.

No meu período de escolarização, não fui incentivada a ser uma leitora. Em casa meus pais não têm o hábito de ler. Na escola poucas vezes os professores pediam livros paradidáticos. E quando pediam havia uma avaliação, que se limitava simplesmente a questões de “interpretação” que estava no próprio livro. E não de debate em sala de aula. Sempre ouvi na mídia as pessoas dizendo que quando lemos nos tornamos pessoas críticas, e que o livro poderia ser um amigo indispensável, quando lemos “viajamos” para lugares onde não conhecemos. Quando entrei na faculdade percebi que ainda havia “tempo” para me tornar uma leitora. Fui a uma livraria e comprei o meu primeiro livro: *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo. Desde então, nunca mais parei de ler, sempre que posso, compro livros. Descobri que o livro é o amigo de todas as horas e todos os momentos, não importa onde estou, ele está comigo, somos inseparáveis.

Depois de algum tempo descobri, ou melhor, reencontrei a paixão que havia perdido pelo livro. Hoje me sinto profundamente triste quando ouço alguém dizer que não gosta de ler. É através da leitura que construímos nosso conhecimento. A leitura nos proporciona um prazer indiscutível, quando lemos entramos na história e vivemos as dores, os prazeres, as alegrias, dos personagens, assim, podemos dialogar com o autor e com os personagens.

Consegui me alfabetizar. No dia em que ganhei o meu primeiro livro a minha professora me disse o seguinte: “hoje você está subindo mais um degrau na sua vida, com certeza você irá subir muitos outros”. Nesse momento lembrei-me do sonho de ser aeromoça, também lembrei que minha mãe dizia que queria que eu fosse professora. Foi passando o tempo, terminei o 1º grau. Minha mãe queria que eu fizesse o pedagógico no 2º grau. Vocês sabem qual foi a resposta? A resposta foi não. Eu não quero ser professora! Eu não gosto de criança! Professora ganha muito pouco! Você quer que eu estude pra passar fome?

Fiz o 2º grau técnico em contabilidade. Tinha a esperança de conseguir um serviço em um escritório ou banco, o que acabou não ocorrendo. Nessa época, eu não queria mais ser aeromoça. Agora eu sonhava em fazer uma faculdade. Mas também não queria cursar uma “faculdade qualquer”. Queria que fosse uma faculdade pública, uma instituição que fosse reconhecida por um ensino de qualidade. E a faculdade que eu sonhava um dia poder estudar era a UERJ. Dizia para quem quisesse ouvir que eu iria fazer meu curso superior na UERJ. Só que o curso não era pedagogia! O curso seria jornalismo.

Depois de oito anos sem estudar, num belo dia me vejo em uma sala de aula de um cursinho pré-vestibular. Eu me senti a pessoa mais idiota, a mais burra da sala de aula. Eu não me lembrava de nada. Eu não sabia nada de física, nada de química. Era um fracasso! Um verdadeiro fracasso! Houve dias nos quais eu chegava a casa e chorava, mas, eu sabia que o choro era apenas um desabafo, uma forma de alívio, e não a solução para o meu problema. Ao mesmo tempo lembrava-me que dissera para todos que eu iria fazer a minha faculdade de jornalismo e que seria na UERJ. Eu não podia voltar atrás com a minha palavra. Isto era uma questão de honra. Eu não podia desistir! Eu pensava: se eu desistir, todos vão me dizer: *eu sabia que você não ia conseguir!* E como eu acredito em Deus, pedi para que Ele me ajudasse, porque não queria que as pessoas zombassem de mim, dizendo que pobre não tem o direito de fazer uma faculdade pública. Além disso, era o meu sonho estudar em uma faculdade pública. Não era, e não é, o meu intuito desmerecer as faculdades particulares ou quem estuda e se forma nelas. Mas se tratava de um sonho. *Sem sonhos não há fôlego emocional. Sem esperança não há coragem para viver.* (Cury, 2003, pág.102).

Precisamos ter sonhos e acreditar nos nossos sonhos, pois não há nada mais frustrante quando se diz a alguém que os seus sonhos são simplesmente mera bobagem. Quando sonhamos temos uma perspectiva de vida melhor, e somos impulsionados a vencer as dificuldades.

Fiz o vestibular para UERJ, para o curso de jornalismo. Para minha surpresa, minha média foi sete no vestibular. Apesar desta nota, não passei, pois precisava ter tirado na média uns nove para ter passado, porém, não desisti de entrar para a UERJ. Fiz o segundo vestibular, sendo que agora tinha sido para o

curso de pedagogia. Passei! Nossa que alívio! Consegui! Nessas horas dá vontade de rir, chorar, pular, dá vontade de fazer tudo junto. Mas agora, olha que coisa mais surpreendente! Lembra do sonho da minha mãe? Da sua filha ser professora de criança!? Pois é, a vida é uma caixinha de surpresas! *Não foi por opção que me fiz professora, foi justamente pela falta de opção.* (VASCONCELOS, 2000, pág.25)

Mas uma vez, vi algo que havia ocorrido comigo sendo registrado como experiência de vida de uma pessoa, que não tinha o objetivo, como eu, de ser professora. Mas, pela falta de opção acabou se fazendo professora.

Quando entrei na faculdade umas das coisas que mais me intrigava era a vocação para ser professora. Eu não conseguia me ver atuando em sala de aula como professora. Até então, acreditava que para ser professora precisava ter um “dom”, algo especial. Foi lendo o livro “Como me fiz professora”, que entendi que para ser professora não é necessário nascer com um “dom” para dar aula, mas, se constituir professora, ter um compromisso não só com a profissão, mas ter consciência de poder participar direta ou indiretamente de transformações sociais.

Quando comecei a cursar o curso de pedagogia, pensei: a primeira oportunidade que se apresentar troco de curso. Fiquei esperando que saísse uma vaga para transferência interna para o curso de jornalismo, mas, isto não aconteceu. As vagas só saíam para transferência externa. Houve uma época em que me senti frustrada, mais precisamente durante o quarto período da faculdade. Eu pensava: “eu vou fazer quatro anos de pedagogia, sendo que não quero ser professora. Que loucura!” Esperar tanto tempo para entrar em uma faculdade pública e não me formar na profissão que eu quero exercer.

Quando fui para o quinto período, nas férias, eu pensava: é agora que enlouqueço. Ficava me perguntando: como vai ser? Querendo ou não, o estágio acabou criando uma expectativa que poderia vir a ser positiva ou negativa. E o meu maior medo era que essa expectativa se tornasse em uma realidade frustrada. Para minha felicidade o estágio não foi frustrante, como eu imaginava que poderia vir a ser. Ao contrário, foi onde consegui aprender, não simplesmente, a gostar da profissão, mas aprendi a amar a profissão. O meu primeiro estágio foi em uma turma do segundo período na educação infantil. A

professora Tatiana, conseguiu me mostrar que para ser professora, não basta gostar, precisa amar. Mas, não é só amar a profissão. Precisa amar seus alunos.

As crianças conseguiram me conquistar, com seu jeito simples e ingênuo de ser. Mostraram-me que não existe nada impossível, o impossível quem faz somos nós mesmos. A cada aula no estágio eu saía com uma certeza de que o professor tem uma função de grandeza na sociedade, de mudar histórias de vida. Não quero usar de utopia, por pensar que podemos mudar o mundo, mais acredito que o professor pode influenciar alguns de seus alunos. *Um professor influencia mais a personalidade de seus alunos pelo que é do que pelo que sabe.* (Cury, 2003, pág.140)

Concordando com Cury: acredito que nós professores podemos mudar histórias de vidas. Não somos detentores do saber, mas como profissionais devemos ter a prontidão em querer aprender para influenciar na personalidade de nossos alunos. Sendo assim, devemos procurar compreender as dificuldades dos nossos alunos antes mesmo de rotulá-los como incapazes ou problemáticos. Entender as dificuldades, que a cada dia, nos são postas, saber que cada um tem a sua própria individualidade, e por isso não somos iguais. Pois, não há nada mais preconceituoso que quando dizemos que tratamos a todos igualmente, isso significa que ainda não conseguimos trabalhar com o “diferente”, com o individual.

No sexto período estagiei em uma turma de alfabetização. Nesse período eu estava mais segura. O medo não me assombrava mais. Tive a felicidade de estagiar com uma professora que nos permitiu que ajudássemos em sala de aula. Pude perceber que as crianças tinham muitas dificuldades com o “mundo das letras”. A professora ensinava B com A faz BA, L com A faz LA. Quando a professora pedia que elas lessem, elas simplesmente não conseguiam. Mas, sabiam que B com A fazia BA... Porém não conseguiam fazer a junção das sílabas. Comecei a lembrar da minha alfabetização. Eu me via naquela mesma situação em que aquelas crianças se encontravam. Na época era muito difícil, entender quando a minha professora explicava a lição. Eu ia para casa ficava estudando a lição, porém, aquilo não fazia sentido, eu não conseguia entender porquê eu tinha que ficar decorando aquelas palavras. Eram tantas cópias que tinham que ser feitas para memorizar a lição, que em vez de me entusiasmar pela

leitura, era desestimulada a querer aprender a ler. Era como se a leitura não fizesse sentido e torturasse. No estágio comecei a me perguntar: o que eu, como professora, posso fazer para que esse aprendizado tenha significado e sentido para os meus alunos?

Como diz Martins (1994, p. 34):

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

De acordo com Martins a função do educador não é ensinar ao seu aluno a ler e escrever, mas de mediar situações para que o educando possa atingir a sua aprendizagem de forma mais ampla, de forma que o próprio educando aprenda a fazer sua leitura de mundo e a leitura da palavra.

Para alfabetizar precisamos ensinar nossos alunos a decodificar e a codificar palavras que muitas das vezes não tem sentido para o aluno. Acredito que o mais importante para que essa alfabetização tenha sentido é fazer com que o aluno traga a sua experiência de “mundo” para a sala de aula. Fazer com que esse educando seja autor de suas histórias, ensina a ele que a sua história tem valor. Não simplesmente, a decodificar e codificar palavras, pois, sabemos que seria inútil, pois, uma pessoa só sabe ler, quando entende o que lê.

Acredito que na alfabetização o professor pode fazer com que seus alunos comecem a se apaixonar, pelos livros. A minha esperança é que não se torne simplesmente uma paixão, mas, que possa chegar a ser um grande amor. Que não seja uma leitura decodificada, mas, que possa ser uma leitura cheia de interpretações.

O professor tem uma grande responsabilidade na formação desse futuro leitor, se ele não criar meios fascinantes para a leitura, se ele não tiver sensibilidade, na hora de escolher os livros, ele poderá inconscientemente formar pessoas que não tiveram a oportunidade de ser um leitor e com isso, não proporcionar a este educando a condição de um leitor autônomo, que descobre na leitura a sua forma fascinante e encantadora de se obter conhecimento e prazer.



1

O ato de ler precisa ser desenvolvido na idade mais tenra da criança.

O ato de ler implica na reflexão sobre a prática pedagógica e os seus métodos. É preciso estabelecer uma ponte entre o que o educando aprende nos livros e a sua vivência fora da escola. Assim, afirma Arroyo (1996, p. 11), “é preciso alargar nossa visão de como as pessoas se educam e aprendem, também, fora da escola”. A escola tem o pensamento que a aprendizagem só é realizada dentro da escola. Mas, como afirma Arroyo “precisamos alargar nossa visão” de que a criança aprende tanto na escola como fora da escola, ou porque não dizer, que a criança aprende mais fora da escola, do que na própria escola.

Devemos possibilitar aos nossos educandos que questionem o mundo de forma crítica, a verem além das folhas escritas por palavras, que em sua maioria, são incompreensíveis. Cabe ao professor direcionar ao seu educando uma leitura de mundo seguida da leitura de textos escritos.

¹ http://educaforum.blogspot.com/2008_02_01_archive.html

A importância de o professor registrar suas aulas, de modo a analisar sua prática pedagógica é uma forma de aprendizagem que deve ser valorizada pelo próprio educador.

Como diz Zabalza, apud Chaluh, (2005, p.201).

Tanto escrever sobre o que fazemos como ler sobre o que fizemos nos permite alcançar uma certa distância da ação de ver as coisas e a nós mesmos em perspectiva. Estamos tão entranhados no cotidiano, nessa atividade frenética que os impede de parar para pensar, para planejar, para revisar nossas ações e nossos sentimentos que o diário é uma espécie de oásis reflexivo.

Quando o professor escreve sobre o que faz ele se permite refletir sobre a sua ação pedagógica. Nesse momento, ele se constitui um profissional crítico da sua ação pedagógica. Ele faz da sua ação – reflexão – ação. É nesse ciclo que ele constrói sua ação pedagógica. Ele entende que precisa criar meios para influenciar seus alunos ao mundo da leitura, ele compreende que a sua ação será uma ação transformadora na personalidade de muitos dos seus educandos.

2. A HISTÓRIA DA LEITURA: ALGUMAS PISTAS HISTÓRICAS

2.1. E tudo começou nas cavernas ...

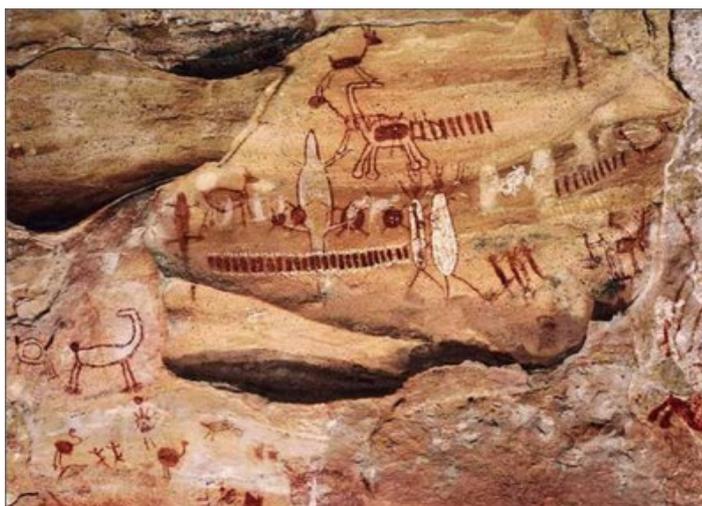
Com intenção de buscar compreender o uso hegemônico das cartilhas como objeto de leitura escolar, neste segundo capítulo, me proponho a fazer uma discussão sobre a origem das cartilhas e as diferentes metodologias que estão presentes neste objeto, ainda central, nos processos de ensino da língua escrita.

Para entender a leitura, é necessário entender as origens da escrita, já que lemos, dentre outros, textos escritos.

Barbosa (1991, p.34) em seus estudos afirma que “a escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos”. Esses signos têm que ser compreensíveis para a sociedade da qual o homem faz parte.

Concordando com Barbosa, a escrita surge quando o homem tem a necessidade de se comunicar, de expor seus sentimentos e pensamentos. É através da escrita que o homem consegue registrar sua história, Exatamente como os registros que os homens primitivos escreviam nas cavernas. No Brasil, encontramos este tipo de escrita em vários estados, como no caso do Estado do Piauí. Podemos afirmar que a arte rupestre é a pré-escrita da humanidade.

As mais antigas pinturas/escritas rupestres são datadas do período Paleolítico Superior, em torno de 40.000 a.C. Foram gravadas nas paredes e tetos das cavernas ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas sempre em lugares protegidos. Arqueólogos e antropólogos conferem a estes vestígios, valor de "documentos históricos", verdadeiros testemunhos da vida daqueles Homens. Esses “escritos” nas cavernas demonstram que o desejo de expressão e conservação do vivido é inerente ao ser humano. Essas primeiras “escritas” eram feitas com sangue, argila e excrementos humanos.



2

Imagem de uma caverna da serra da capivara, no estado do Piauí, com pinturas datadas de 6 mil a 12 mil anos.

No Brasil podemos encontrar pinturas/escritas rupestres em Napolini, no Estado Santa Catarina, na região Sul do país, em Minas Gerais na região de Lagoa Santa, Varzelândia e Diamantina, Toca da Esperança, região central da Bahia, e também foram encontradas em Florianópolis. No nordeste do país, também foram encontradas pinturas no Estado do Piauí, na Serra da Capivara e nas cidades de Coronel José Dias e São Raimundo Nonato. No estado do Rio Grande do Norte há em Seridó e na chapada do Apodi.

Hoje é muito importante sabermos que a escrita não começou com as letras, mas sofreu um processo de construção que começou nas cavernas, com o registro nas paredes.

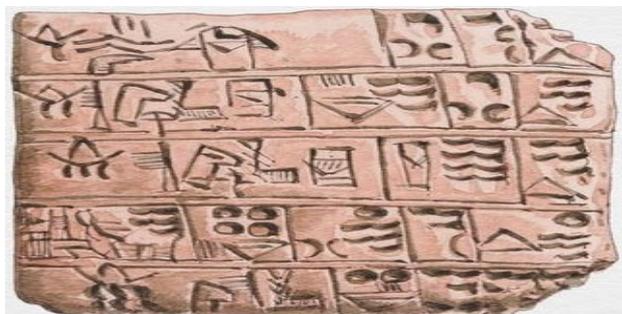
Depois disso houve um longo processo até chegar à escrita com as letras.

2.1. A História da Escrita

A escrita cuneiforme sumeriana surgiu mais ou menos a 3.200 a.C.; na cidade de Uruk. “Nessa época Uruk era uma cidade de edifícios monumentais e com grande concentração de riquezas e tudo era registrado em tabuinhas de

² Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
<http://modernidadeartes.blogspot.com/2009/03/cavernas-saloes-de-arte.html>

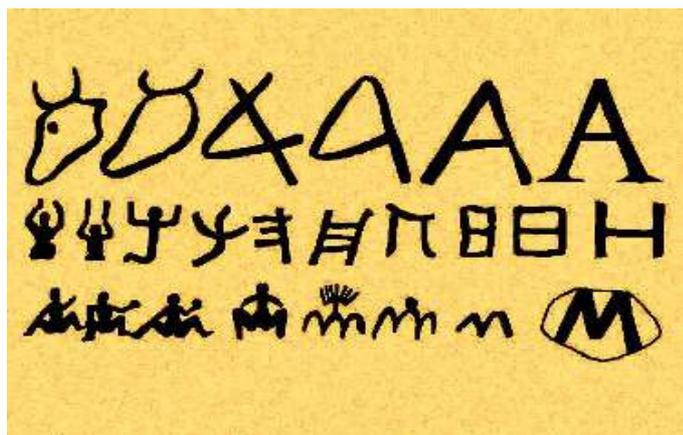
argila”. A escrita era representada por objetos que exprimem sua forma real e não por símbolos. (Site Talento da terra, 6 de dezembro de 2008)



A escrita cuneiforme era feita em tabuinhas de argila que mediam cerca de 5 cm de comprimento por 2,5cm de espessura.

A escrita cuneiforme sumeriana é denominada logográfica. “Cada palavra (“logo”) é representada por um símbolo (“graphos”)”. A escrita cuneiforme sumeriana é de natureza logo-silábica: há símbolos para palavras e outros para sons isolados. (A origem da escrita, S/A, S/D. pág. 02)

Alguns pesquisadores acreditam que essa língua era o Sumério, mas o que se sabe é que daí surgiu a escrita. “Os símbolos foram sofrendo modificações até os dias de hoje. A letra “A” talvez no passado tenha sido a cabeça de uma vaca, que com o passar do tempo, teria sido colocada ao contrário, como nos dias de hoje”. (Site Talento da terra, acessado em 6 de dezembro de 2008)



Os símbolos foram se desenvolvendo até formarem os primeiros alfabetos da Antigüidade.

³ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço: <http://talentodaterra.blogspot.com/2008/12/surge-escrita-cueiforme.html>

⁴ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço: <http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/origem-escrita.html>

Nas línguas do antigo Oriente Médio, o acadiano, o persa, o egípcio, como no português havia uma necessidade de se desenvolver um sistema de escrita que fosse indispensável à condição de satisfazer “a pronúncia diferenciada de cada forma das palavras”. (A origem da escrita, S/A, S/D. pág. 03)

“Os primeiros sistemas funcionavam à base de logogramas”. Mostraram-se vagos de acordo com a necessidade da escrita, tendo a necessidade de se desenvolver “*caracteres-sílaba* que não possuíam significado e serviam apenas para registrar os diferentes sufixos, prefixos, partículas sem significado próprio e desinências gramaticais”. Desse modo surgia a escrita *logo-silábica*, a mistura de caracteres “logográficos (que eram desenhos estilizados das palavras que representavam) e caracteres fonéticos (servindo apenas para indicar a pronúncia)”. (A origem da escrita, S/A, S/D. pág. 03)

“Por volta de 1.200 a.C., os fenícios desenvolveram uma escrita mais simples”, a partir das escritas logo-silábicas. Nesse sistema, cada símbolo representava uma consoante, “sendo que as vogais tinham que ser lembradas pelo leitor”. Para cada consoante, existia um “símbolo que previamente era um logograma representando uma palavra de uso comum”, com valor fonético, “de acordo com seu som inicial”. Esse alfabeto denominado cientificamente de “alfabeto consonantal”, deu origem aos atuais “alfabetos hebraico e árabe, que ainda deixam de marcar as vogais”. Já o alfabeto grego, teve a necessidade de marcar as vogais. Os gregos introduziram em seu alfabeto as vogais denominando de “alfabeto vocálico-consonantal”. (A origem da escrita, S/A, S/D. pág. 04)

Alfabeto Grego ⁵

Α	Β	Γ	Δ	Ε	Ζ	Η	Θ	Ι
alfa	beta	gama	delta	épsilon	dzeta	eta	teta	iota

Κ	Λ	Μ	Ν	Ξ	Ο	Π	Ρ	Σ	Τ
capa	lambda	mu	nu	xi	ômicon	pi	rô	sigma	tau

Υ	Φ	Χ	Ψ	Ω
hipsilo	fi	qui	psi	ômega

“Na China a escrita surgiu há cerca de 5.500 anos”. Ela surgiu a partir de desenhos “neolíticos” que se tornaram representação gráfica das palavras. A escrita chinesa “não representa idéias, mais sim palavras”. Seus símbolos são usados tanto para representarem os sons de uma palavra quanto à forma do objeto que ela representa. As palavras têm apenas uma sílaba e não variam. Elas têm o “mesmo som, mas significam coisas diferentes, têm ideogramas diferentes”. (A origem da escrita, S/A, S/D. pág.02)

Amostra evolutiva da escrita chinesa: coluna esquerda, antiga; direita, moderna (de cima para baixo: homem, mulher, ouvido, peixe, sol, lua, chuva, caldeirão, poço, em cima, em baixo. (A origem da escrita, S/A, S/D. pág.03)

⁵ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço:
http://www.ienh.com.br/download/ATIVIDADES_ALFABETO/livro/livro/visual_alfabetos_grego.htm

Evolução da escrita chinesa⁶

𠤎	𠤎	𠤎	人
𡗗	𡗗	𡗗	女
𦍋	𦍋	𦍋	耳
𩺰	𩺰	𩺰	魚
日	日	日	日
月	月	月	月
雨	雨	雨	雨
鼎	鼎	鼎	鼎
井	井	井	井
上	上	上	上
下	下	下	下

2.3. Chegamos à Leitura: a história de uma prática cultural

Segundo Barbosa (1991, p. 97), “para os que sabem ler, esse saber é um ato tão natural hoje em dia que chega a ser difícil imaginar outras concepções de leitura”

De acordo com Barbosa, a leitura é tão natural em nossos dias, que não nos questionamos como era a leitura antigamente. Pensamos que ela sempre foi da forma como conhecemos, do livro estar posto para quem quiser ler. Antigamente o acesso aos livros era algo muito restrito, sem contar, que eles eram de cunho religioso. O leitor não tinha a concepção de leitura de mundo que temos hoje, sua concepção de leitura era restrita aos conceitos religiosos.

⁶Imagem acessada em julho de 2009 no endereço: <http://www.unisalloreina.br/nova/cidinha/textosmarc/textos3/Apostila%201%20%20A%20Origem%20da%20Escrita.doc>.

Pensamos que os métodos de leitura não mudaram ao longo dos anos, o que acaba sendo um equívoco, pois as práticas sociais da leitura e das técnicas de impressão da escrita de cada época nos mostram que não foi o mesmo método utilizado para se ensinar a leitura ao longo dos anos.

“Na Antigüidade, o conhecimento era transmitido basicamente através do oral, sendo que na Grécia e em Roma, boa parte da população dominava as técnicas de leitura”. (Barbosa, 1991, p.97)

Barbosa (1991, p.97) diz: “Os mais antigos textos da humanidade foram escritos nos volumens, forma mais antiga de conservação do pensamento. No entanto, no volumem, um rolo de papiro, o texto era escrito em estreitas colunas, sem espaço em branco entre as palavras.”



Há 4500 anos, os egípcios descobriram o papiro, que lhes servia como suporte a escrita. Foi o precursor do papel. (Blog, EGYPTHUS, 2008).

⁷ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço: http://3.bp.blogspot.com/_tAdGYs3OuzM/Rz3K22iE0nI/AAAAAAAAAGA/7TeHDj794Cg/s320/papiro.jpg



Imagem do vegetal que dá origem ao papiro. Este vegetal é encontrado em “lugares pantanosos do Egito, Síria, Palestina e Sicília”. (BORGES, 2007. Pág.1. Blog [letraslivroseafins](http://letraslivroseafins.blogspot.com/)).

No século XI o papiro foi substituído pelo pergaminho e pelo papel. Devido à fragilidade que o material apresenta e a sua difícil locomoção. Atualmente, “no Egito a produção do papiro foi reativada como atração turística”. (Lima, Azeredo, S/D. pág. 04)

O pergaminho era feito de peles de animais que eram “lavadas, secas, estendidas no chão, com o pelo para cima, cobertas com cal”. O pergaminho era um material mais sólido e mais flexível que o papiro, e permitia a reutilização. Tinha um preço elevado com relação ao papiro devido à matéria-prima e o custo da mão-de-obra (Lima, Azevedo, S/D, pág. 04. Apud. Katzenstein, 1986, p.179).

⁸ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
<http://letraslivroseafins.blogspot.com/>



9

Pergaminho

No ano 105 de nossa era o papel foi inventado “pelo cortesão chinês T’sai Lun”. Obtinha a vantagem de possuir um preço inferior em relação ao pergaminho e possuía a desvantagens, pois era mais fino e rasgava-se facilmente. Com a Revolução Industrial ocorreu à produção em larga escala de papel. Hoje o papel e adotado em diferentes civilizações por ser um material mais barato. (Lima e Azeredo, S/D, pág. 05)

2.4. A Leitura na Antiguidade

Segundo Ferreira (S/D, pág. 03), na Grécia antiga a língua grega não era escrita. A oralidade era a forma que os gregos tinham de passar sua cultura. Através de “poemas e canções que eram memorizados e transmitidos oralmente”.

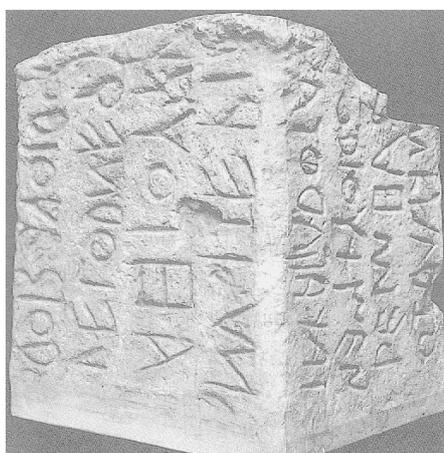
⁹ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
<http://www.camarapacaembu.sp.gov.br/IMAGES/pergaminho.gif>



10

Os gregos preferiam falar e ouvir. Sua arquitetura pública era a de um povo que gostava de conversar: em grandes teatros ao ar livre ou espaços cobertos para a música. (Nero, 2008. Pág. 02).

Ferreira, (S/D. pág. 04) em seu estudo nos apresenta o início da escrita na Grécia. Ela nos diz que “a escrita surge no século V a C.” O alfabeto grego foi inventado pelos escritores gregos. Esses escritores “inventaram um alfabeto de letras e sons a partir da língua fenícia” que hoje é a atual Palestina. Podemos perceber que a herança educacional ocidental está baseada na civilização grega.



A mais antiga e famosa evidência epigráfica latina que se conhece está na Lapis niger, que foi encontrada em 1899 e está datada entre os séculos VI e V a.C.¹¹

¹⁰ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço:
<http://www.verbalog.com/cyro/helenismo/a-oratoria-como-consequencia-do-amor-dos-gregos-pela-palavra/>

¹¹ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=172

“Os gregos transmitiram grande parte de sua cultura aos romanos”. Nas escolas romanas as aulas duravam meio dia, onde “era ensinado a ler e escrever latim e grego, e a contar usando numerais romanos”. Roma teve muitos teóricos em educação e foi grande colaboradora na educação ocidental. (Ferreira, S/D. pág. 5)

Cagliari, (1998) em seus estudos nos mostra que “a alfabetização é tão antiga quanto os sistemas de escrita”, através do surgimento da escrita originou-se a decifração. “Ser alfabetizado nessa época, portanto, era saber ler esses símbolos e escrevê-los. Tendo a escrita de maneira autônoma e independente surgido por volta de 3300 a.C., na Suméria, no Egito 3000 a.C., e China 1500 a.C. Usando o princípio acrofônico: o som inicial do nome da letra é o som que a letra representa. As cartilhas e primeiras gramáticas vieram aparecer no Renascimento” e com o surgimento da imprensa na Europa tornando-se a leitura mais individual.

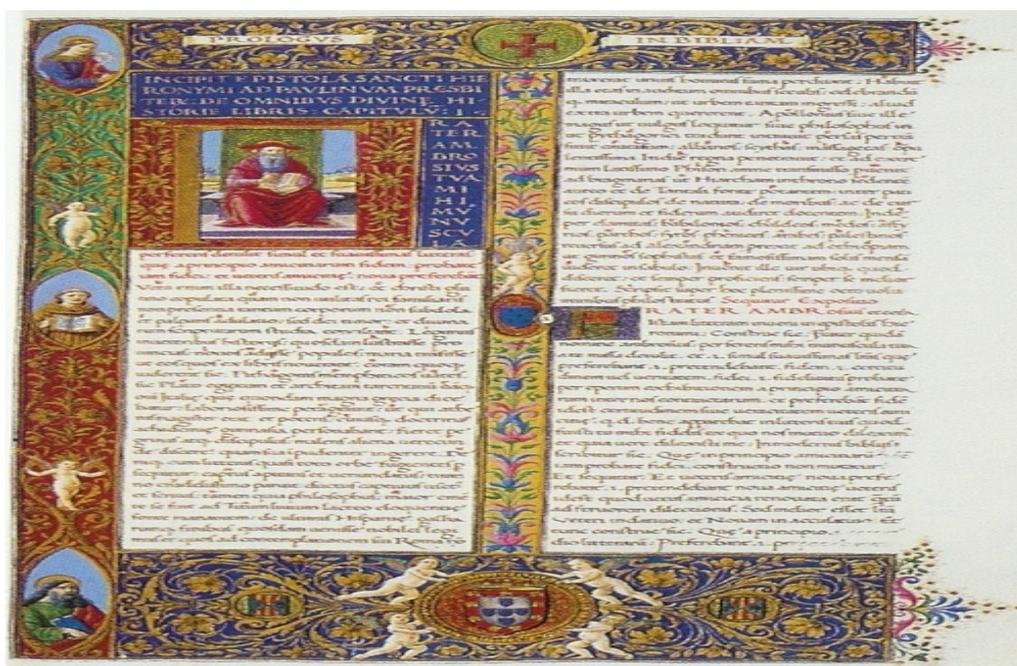
2.5. A leitura na Idade Média

Por volta do final do século XV, Portugal, utilizava nas escolas, cartinhas para alfabetizar. As cartinhas eram usadas desde o “principio da idade moderna” posteriormente, foram chamadas de cartilhas. Eram pequenos livros que reuniam o abecedário, o silabário e rudimentos de catecismo. (INEZ, S/D.)

Segundo Boto, (2004) a maioria dos textos que eram utilizados nas escolas eram levados pelas próprias crianças. Isso ocorreu até o século XIX. “Muitos eram os meninos e meninas que, em Portugal, aprenderam a ler inicialmente mediante a leitura de cartinhas. Daí a expressão “cartinha de leitura”. Que dá origem à cartilha.”

De acordo com o trecho acima, percebemos que em Portugal até o século XIX não havia uma preocupação de fornecer material pedagógico, para que o professor pudesse utilizar em sala de aula. Se aprender a ler e escrever é uma tarefa árdua em nossos dias, imagino como deveria ser difícil ensinar, e aprender a ler e escrever, num momento em que não havia uma preocupação por parte do estado em proporcionar uma educação de qualidade.

Por volta do século XVI, o livro era considerado um objeto de arte, “refletindo uma verdadeira arte de imprimir.” Os textos tinham uma estrutura mais organizada e comunicativa; os artesões se preocupavam com a beleza estética do livro. Gerando uma admiração por parte dos leitores. As cartilhas e os livros de catecismo foram os mais usados e difundidos para a aprendizagem da leitura e da escrita neste século. (Revista Brasileira de Educação, nº 2, 1996. p. 53. Magalhães, 1996).



A Bíblia dos Jerónimos III. Foi encomenda por Clemente Sernigi para ser entregue a D. Manuel I quando era ainda Duque de Beja e príncipe herdeiro 1494. (Blog.A iluminura, 2006).¹²

É difícil ver o livro no século XXI como obra de arte. Imagino o quanto deveria ser valioso esse “objeto de arte”, provavelmente quem possuía eram famílias abastadas. Acredito que quem possuísse livros nessa época, possuía status perante a sociedade em que grande maioria era iletrada.

No Antigo Regime, em Portugal aprender a ler não era para qualquer pessoa. A alfabetização estava relacionada a status econômicos e sociais. Por isso, era muito comum encontrar homens de alto nível social alfabetizados. Entre médios e pequenos comerciantes era comum as pessoas serem analfabetas.

¹² Imagem acessada em julho de 2009 no endereço: <http://iluminura.blogs.sapo.pt/2006/07/>

Com relação ao sexo feminino algumas “esposas dos nobres e de grandes comerciantes eram geralmente alfabetizadas”. Havia um receio social em permitir que a mulher se acesse à cultura escrita. (Revista Brasileira de Educação, nº 2, 1996. p.56. Magalhães, 1996).

Os métodos utilizados na época eram os de soletração e o fônico.

O método fônico com base no processo de soletração tem como o ensino da leitura, partindo da oralidade (som) para a grafia. Tendo como forma de aprendizagem a memorização. (Revista Brasileira de Educação, nº 2, 1996. Magalhães, 1996).

Temos poucas informações relativas “a origem e o desenvolvimento da literatura didática no Brasil” devido à falta de interesse de pesquisadores pelo tema. (BARBOSA, 1991. Pg. 56).

Segundo Inez (S/D), “a cartilha tem sua origem ligada aos silabários do século XIX. As cartilhas brasileiras têm suas origens históricas em Portugal e foram trazidas através dos jesuítas nos primórdios da educação”.

Chega a ser incompreensível entendermos que em pleno século XXI ainda deparamo-nos com o método sintético que foi utilizado há dois mil anos. Pensar que para se ensinar a ler e escrever deve-se partir de letras, sons, sílabas para se chegar as palavras e frases. Isso acaba sendo inacreditável, mais o que podemos perceber é que este método está tão eminente em nossos dias como nos dias de seu surgimento.

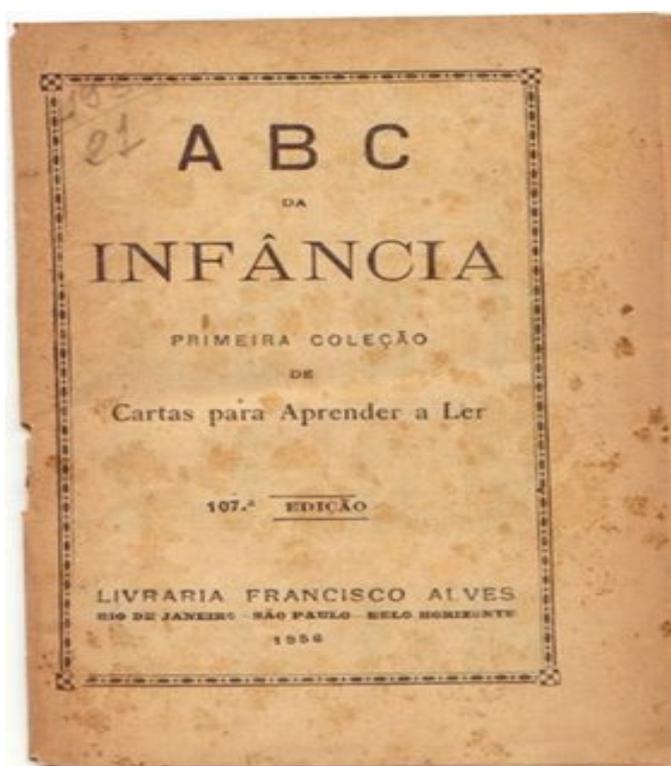
Portugal fazia entrega de livros escolares para as colônias. Esses livros tinham como metodologia o “abecedário, o silabário, e rudimentos de catecismo”. O objetivo de Portugal era fazer com que os habitantes das colônias fossem alfabetizados e ao mesmo tempo catequizados. “Em 1515, D. Manuel remeteu 2500 volumes para a Etiópia, entre os quais duas mil cartilhas e 42 catecismos”. (BARBOSA, 1991, p. 57).

2.6. A Leitura na Idade Moderna

Barbosa nos afirma que por volta do século XIX as cartilhas no Brasil ainda eram, em número, insignificantes, não atendendo a demanda brasileira. “Os

próprios professores elaboravam textos manuscritos e utilizavam de cartas, ofícios e documentos de cartório como material de aprendizagem de leitura e escrita”. (Barbosa, 1991, p. 57).

Segundo Barbosa “os professores preparavam um ABC manuscrito em folhas de papel, que manuseava “com pega-mão para não sujar”. Em seguida à carta manuscrita do ABC, vinha o bê-á-bá, que era o início de uma longa série de cartas de sílabas”. Após, as cartas de sílabas, o professor recebia emprestado as cartas de fora. Estas eram ofícios escritos em letras manuscritas. (BARBOSA, 1991, p. 58).



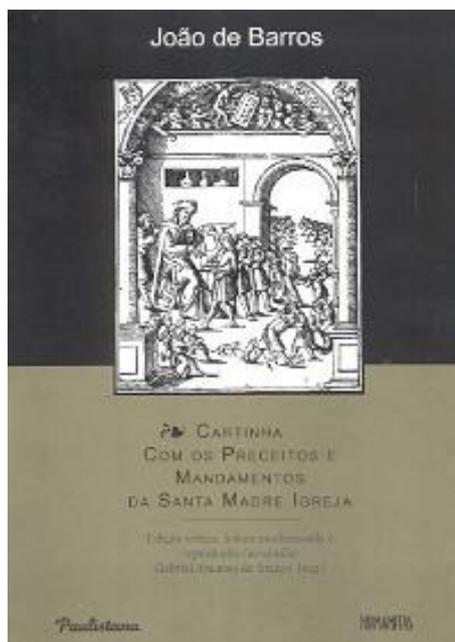
ABC da Infância Primeira coleção de cartas para aprender a ler. De autoria anônima, a 1ª edição dessas "cartas de ABC" é de 1905. As "cartas de ABC" representam o método mais tradicional e antigo de alfabetização, conhecido como "método sintético".¹³

Neste momento é notória a ausência de Portugal com relação à educação no Brasil ficando por conta do professor alfabetizador elaborar material didático para utilizar em sala de aula.

¹³ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:

<http://espacoeducar-liza.blogspot.com/2009/02/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao.html>

Segundo Barbosa (1999, p. 57) a primeira cartilha da língua portuguesa foi produzida pelo autor João de Barros, “ela foi impressa em 1539, em Lisboa. A Cartinha de Aprender a ler é uma das mais antigas cartilhas para ensinar o idioma português. A credita-se que esta cartilha foi usada no Brasil para o ensino das primeiras letras e da religião”.



A Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja de João de Barros, (Lisboa, 1539) é um instrumento pedagógico inovador, uma vez que, de forma pioneira, apresentou as letras do alfabeto associadas a desenhos. A Cartinha de João de Barros, para seus contemporâneos, tinha uma dupla tarefa: educar e evangelizar, em língua portuguesa e em latim, a doutrina católica aos povos “descobertos” pela expansão marítima.¹⁴

Nesta época o estado e a igreja tinham a mesma ideologia que era formar novos fiéis. Desta forma, o poder político estaria concentrado nas mãos da igreja e do estado. Isso ocorreu por volta dos séculos XVI ao XVIII com a vinda dos Jesuítas e Franciscanos ao Brasil. (SANGENIS, 2006).

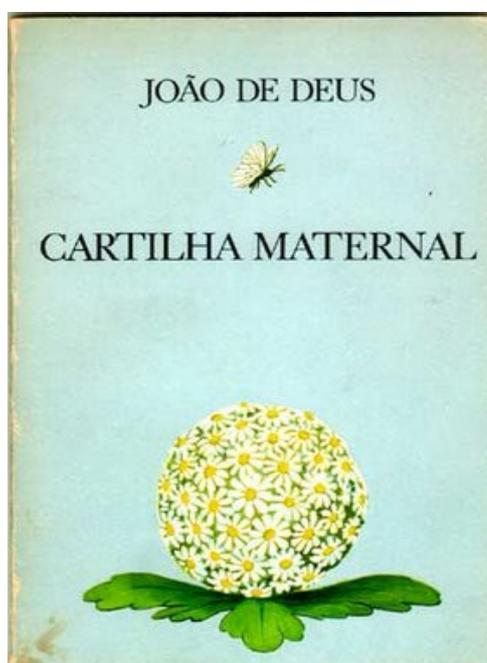
A alfabetização estava associada à catequização da igreja católica, pois havia uma preocupação por parte da igreja em formar novos fieis. Nesse período, o Brasil recebeu os Jesuítas que vieram com a função de alfabetizar e catequizar as crianças da colônia. “Em 1549 os Jesuítas vieram para o Brasil com Tomé de

¹⁴ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
http://editorapaulistana.com.br/livros/cartinha_joaodebarros.html

Souza e abriram na Bahia a primeira escola de leitura, escrita e religião.” (BARBOSA, 1991, p. 57).

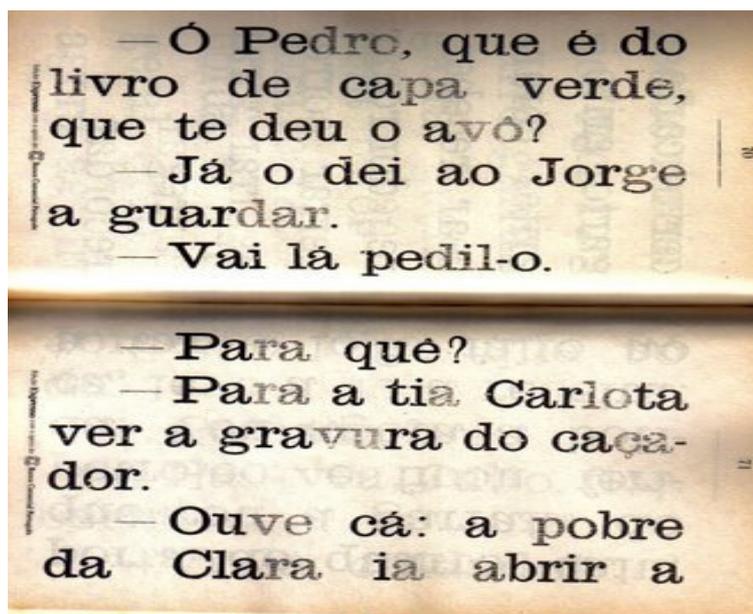
Nota-se que, a leitura era feita através de exercícios de decifração de palavras e identificação de sons, onde o aluno aprendia a diferença entre som e grafia.

Outra cartilha portuguesa que ficou famosa, inclusive no Brasil, foi a de João de Deus em 1876 surgiu à cartilha maternal. O autor “opunha-se aos métodos de soletração e silabação”. Essa cartilha era voltada para a escrita e a leitura. Tendo como “marca a transição do abecedário do bê-a-bá para os métodos analíticos.” (Barbosa, 1999, p. 57).



A 1ª edição é de 1876 e o Centro de Memória da Unicamp possui um exemplar da 5ª edição pela Imprensa Nacional (Lisboa). Maria do Rosário Longo Mortatti (2000) assinala que o método de alfabetização de João de Deus foi introduzido na Escola Normal de São Paulo em 1883, pelo então professor Antonio da Silva Jardim, e registra que em 1897 o governo paulista importou vários exemplares da Cartilha Maternal de João de Deus para distribuir nas escolas do estado.¹⁵

¹⁵ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
<http://espacoeducarliza.blogspot.com/2009/02/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao.html>



Página da "cartilha Maternal" de João de Deus.¹⁶

Segundo Barbosa em 1875, "a aprendizagem da leitura no Brasil era iniciada através da letra manuscrita e, a partir das cartas de fora, as letras de fôrma alternavam-se com as letras manuscritas". (BARBOSA, 1991, p. 58).

O mesmo ocorrerá em Portugal por volta do século XIX. Segundo Nóvoa, Portugal nessa época passava por uma "carência de método e técnicas adequados ao ensino do país". O autor nos afirma que existia "a predominância do uso de abecedários e manuscritos para o ensino da leitura e da escrita". (Boto, Carlota. Apud Nóvoa, 2003, p. 371).

Podemos detectar que tanto em Portugal, como no Brasil colônia havia uma decadência de material didático, ficando por conta do professor em elaborar o material didático, para utilizar em sala de aula.

A escrita evoluiu ao longo da história da humanidade, surgindo no interior das cavernas como forma de "pinturas/escritas" salientando a necessidade que o homem tem de se comunicar e registrar a sua história. Mas, esta "pintura/escrita" não dava conta de abranger a necessidade que a comunicação necessita. Sendo

¹⁶ Imagem acessada em junho de 2009 no endereço:
http://riodasmacas.blogspot.com/2008_10_01_archive.html

necessário, que houvesse a criação de códigos estipulados por uma determinada sociedade, surgindo assim: o alfabeto.

Ao longo dos anos, com a origem da escrita surge à necessidade de se alfabetizar. Fazer com que esse código se tornasse acessível e conhecido por todos. A princípio não havia uma preocupação com o significado da leitura sendo prioritária a sua decodificação e codificação de palavras isoladas, fora de um contexto. Nesse período a alfabetização se remetia a status sociais, só era alfabetizado quem possuísse poder econômico.

Percebemos também que havia a falta de material didático, ficando por conta do improviso do professor em preparar o seu próprio material. A escolarização não era laica sendo de responsabilidade da igreja em alfabetizar e com isso catequizar novos fiéis a sua prática religiosa.

Com o decorrer dos anos, surge na história da humanidade a preocupação de tornar a alfabetização um caminho suave na aprendizagem, nesse momento surgem as cartilhas, e com o surgimento delas, os métodos, com o intuito de direcionar o processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo da trajetória percorrida pela escrita dos nossos dias, faz-se notório que, a escrita passou por transformações, da caverna até a escrita atual, onde não se precisa de papel para escrever, basta ter um computador para escrever o que quiser. Da mesma forma para se ler basta estar conectado à internet e com um clique lemos os mais diversos textos. Com a evolução da tecnologia, no futuro, talvez venhamos a não precisar do papel como suporte para a escrita, nesse momento o papel poderá entrar em desuso, da mesma forma que ocorreu com o papiro, passando assim para o pergaminho e chegando há nossos dias com o papel.

3. LEITURA NA ESCOLA: A CARTILHA COMO CENTRALIDADE

A maioria das escolas brasileiras alfabetiza as crianças utilizando a cartilha como instrumento indispensável para a alfabetização. É através da cartilha que as crianças são inseridas no “mundo das letras”. As cartilhas tradicionais partem do princípio de que para a criança ler e escrever é preciso aprender a decodificar e codificar a língua mesmo que não tenha sentido e nem significado para ela.

Por este motivo, podemos observar que as cartilhas começam, na maioria das vezes, por letras, palavras-chave, palavras da família silábica ou textos, fazendo sempre um *exercício de fixação* das partes da língua supostamente aprendidas na lição. Em sua grande maioria, são partes da língua que não se relacionam com a vivência das crianças, fazendo assim, uma distância da escrita, com a sua própria experiência infantil.

As cartilhas em geral partem do pressuposto de que para a criança aprender a ler e escrever deve-se ensinar do mais fácil, ao mais difícil – sendo a graduação de dificuldades da língua estabelecida do ponto de vista do adulto. Neste caso, o mais fácil para alguns educadores é começar a alfabetizar pelas letras, partindo para as palavras e seguindo para os textos, assim, supostamente aumentando o grau de dificuldade de aprendizagem. O método tradicional deixa evidente a função de fixar, memorizar as partes da língua estudadas, para mais tarde passar para a leitura. Uma leitura que se tornará, em grande parte das vezes, artificial, sem sentido e sem significado. (BARBOSA, 1991).

Segundo (BARBOSA, 1991), a cartilha também é conhecida como um pré-livro que tem como objetivo alfabetizar um *pré-leitor*. O autor denomina como pré-leitor toda a pessoa que está aprendendo a ler, pelo fato da mesma não estar totalmente inserida no “mundo das letras”, ou melhor, no “mundo da leitura”. O autor conceitua pré-livro como algo de uso limitado a alfabetizar, tendo como objetivo de fazer com que o aluno aprenda a codificar e a decodificar palavras. O autor ainda denuncia que a cartilha, desta forma, não permite que a leitura envolva sentido e significado.

3.1. Metodologias.

O fragmento abaixo nos mostra como era realizada a alfabetização no início do século XX. Podemos perceber que não existia a preocupação com o conhecimento prévio da criança, tendo como princípio ensinar a “família silábica” de cada letra alfabética. A cartilha serve de pretexto para a aprendizagem, com um amontoado de sílabas desconexas que se juntam formando as palavras simples, que mais tarde formarão frases que serão denominadas de textos sem sentido e significados para o futuro leitor.

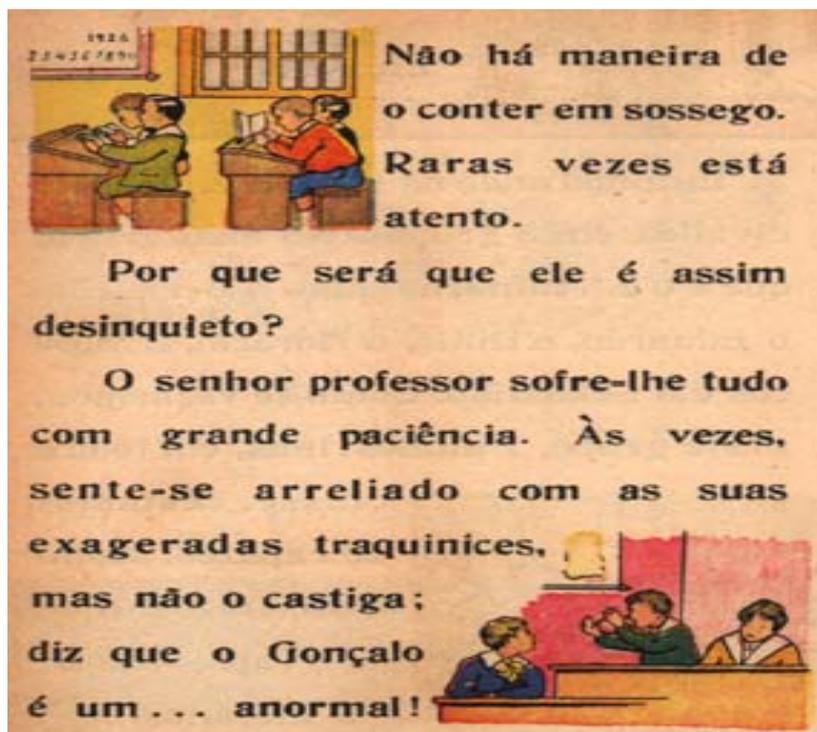
Esses “textos” geralmente apelam para situações irreais, com a justificativa de estarem atendendo a necessidade de se ensinar as famílias silábicas. A cartilha acaba sendo um amontoado de frases cuja estrutura se assemelha muito ao tipo de textos que encontramos abaixo, retirada de uma cartilha que foi utilizada no início do século XX:



Fragmento da "Cartilha Escolar" (1912), de Domingos Cerqueira.

¹⁷ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço:

http://abnoxio.weblog.com.pt/arquivo/2006/10/o_misterio_da_tia_na_mata



18

Fragmento da "Cartilha Escolar" (1912), de Domingos Cerqueira.

Segundo Barbosa as cartilhas se dividem em três tipos de metodologias: sintético, analítico e analítico-sintético (misto).

Método sintético parte do suposto simples para o suposto complexo: num processo em que a criança irá acumular informações através da fixação dos exercícios. Tem como base a apresentação de "elementos não-significantes da língua: letras ou sílabas". Inicia-se o processo de aprendizagem pela apresentação das vogais depois, "passa-se a seguir para as combinações das vogais com as consoantes", até chegar às sílabas, formando palavras e frases. A leitura é um processo somatório onde a criança irá desenvolver gradativamente o seu conhecimento com a leitura. Sendo assim, a criança passa por um processo gradativo na aprendizagem, conhecendo primeiro as vogais, para depois, conhecer consoantes, sílabas, palavras, frases e finalmente o texto. Este método

¹⁸ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço:

http://abnoxio.weblog.com.pt/arquivo/2006/10/o_misterio_da_tia_na_mata

estabelece como critério que a criança só deva avançar na lição tendo todas as *dificuldades* da lição anterior *dominadas*. (BARBOSA, 1991, p. 55).

O Método analítico surge em 1768 com Radonvilliers. Ele se opõe ao método sintético, e se “contrapõe a dois tipos de argumentos do método sintético”: exercício combinatório e a “análise das palavras decompostas em seus elementos mínimos”. (BARBOSA, 1991, p. 49).

O método analítico é composto pela “palavração ou sentencição” – “partem dos elementos maiores da língua: palavras em sentenças.” Adota o caminho inverso do método sintético: parte dos elementos supostamente maiores da língua (texto, frases, palavras) para chegarem aos elementos menores da língua (as sílabas). Nestes elementos menores há uma preocupação em fazer com que o aluno fixe as sílabas. (BARBOSA, 1991, p. 55).

Segundo Adam, quando queremos ensinar uma criança a falar mostramos a ela o objeto e lhe falamos o nome. Ele nos diz, que quando queremos ensinar uma criança a ler, devemos “escrever palavras significativas” para a mesma. Com esse argumento Adam “provocava uma ruptura na concepção tradicional.” Tendo em sua concepção que “ler é mais importante do que decifrar e que a aprendizagem parte de palavras com significado afetivo e afetivo para a criança”. (BARBOSA, 1991, p. 50).



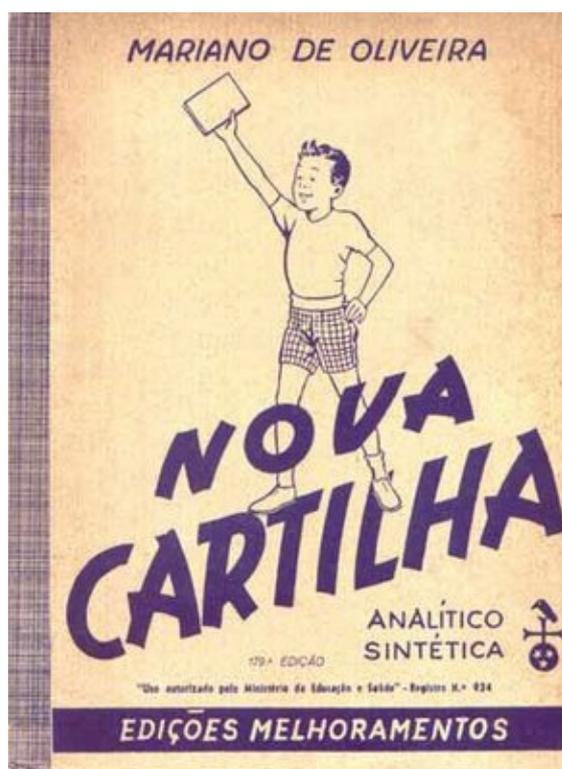
19

1ª edição 1909

¹⁹ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço:
<http://espacoeducar-liza.blogspot.com/2009/02/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao.html>

O método sintético e o método analítico se opõem com relação à “síntese e a análise”, mas os dois têm algo em comum: eles partem do pressuposto que para a criança aprender tem que passar pelo ouvir (som), sendo assim, a criança é obrigada a fazer uma relação com “o som e a grafia”. “Ou seja, a criança aprende a ler oralizando a escrita”. O que acaba levando a criança a decodificar, ao invés de entender o texto. (BARBOSA, 1991, p. 46).

No Método misto ou analítico-sintético geralmente combinam-se os dois métodos: o sintético e o analítico. “As cartilhas mistas partem de palavras-chave que são destacadas de uma frase, seguindo para a decomposição em sílabas, formando assim, novas palavras. Sendo estabelecida uma hierarquia de dificuldade, tendo como regra, trabalhar as sílabas já conhecidas pelas crianças. Tem se a preocupação de não apresentar sílabas com som ou grafia semelhantes.” (BARBOSA, 1991, p. 55).



20

1ª edição 1916.

²⁰ Imagem acessada em julho de 2009 no endereço:
<http://espacoeducar-liza.blogspot.com/2009/02/historia-das-cartilhas-de-alfabetizacao.html>

Segundo Carvalho o método sintético se divide em: soletração, silabação.

Segundo a autora, o método sintético de soletração “é característico de uma época em que no Brasil a maior parte de sua população era analfabeta”. Sendo assim, não havia uma exigência com relação à leitura. A soletração não tinha o objetivo de “formar leitores”, pois, sua preocupação era fazer com que o aprendiz conhecesse as letras e sons. (CARVALHO, 2005, p. 22).

A leitura ficava em segundo plano. O método priorizava o conhecimento das letras, que juntas com uma vogal formam uma sílaba, que por sua vez formam palavras. Essas palavras eram sempre aprendidas de forma isolada, fora de um contexto não se detendo aos seus “significados”. Isso fazia com que houvesse uma grande dificuldade de se formar cidadãos leitores. (CARVALHO, 2005, p. 22).

O método sintético de silabação parte das sílabas para as palavras, tendo como regra o uso de decodificar e codificar sílabas e palavras. A silabação contém o mesmo método que a soletração, tendo como única diferença, que a soletração parte das letras, já a silabação parte das sílabas. Os dois métodos têm “ênfase na decodificação e na codificação”. (CARVALHO, 2005, p. 23).

O Método analítico-sintético ou misto tem a preocupação de desenvolver no aluno a compreensão e o sentido da leitura.

O Método Misto parte do moderno conceito de leitura como atividade que visa a decodificar, isto é, aplicar um código para descobrir o sentido do que está escrito – a mensagem. A escrita corresponde a codificar, isto é, por uma mensagem em código. De início, procura dar à criança essas noções, bem como a compreensão do mecanismo da leitura e da escrita e da importância de buscar o sentido do que se lê. (SILVA apud, CARVALHO 2005, p. 25).

No Método misto fônico o aluno aprende que as “palavras, além de terem significados, são formadas por sons, que são denominados de fonemas. Fonemas são unidades mínimas de sons da fala”, que são representadas por letras. Sendo assim, ensina-se o aluno a produzir oralmente os “sons representados pelas letras”, e posteriormente a formar palavras. O intuito é de “ensinar ao aluno a decodificar os sons da língua, na leitura, e a codificá-los, na escrita”. (CARVALHO, 2005, p. 24).

Segundo a autora, atualmente o método fônico “tendem a ser classificado como mistos”, por desenvolver habilidades de leitura mais complexas. (CARVALHO, 2005, p. 25).

Segundo Carvalho o “método fônico tem a ver com a consciência fonológica porque ressaltam a dimensão sonora da língua, e a capacidade do leitor para decompor os sons que formam as palavras, representados na escrita pelas letras. Enfatiza a decodificação e a aprendizagem das relações entre letras e sons”. Parte de palavras curtas e simples. Os professores que aplicam devem ensinar os fonemas e as letras. Esse método está mais voltado para a alfabetização que para o letramento. (CARVALHO, 2005, p. 29).

Carvalho (2005, p. 32) diz que o método global ou analítico-sintético chegou ao “Brasil através de Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e outros importantes educadores que estiveram à frente de reformas educacionais” no país. Esta reforma foi inspirada através do “movimento educacional renovador”, conhecido como “Escola Nova”. A reforma foi difundida pela “Europa e Estados Unidos no final no século XIX”, chegando ao Brasil no século XX.

Método global de contos é um dos métodos mais antigos e “começou a ser aplicado nos Estados Unidos no fim do século XIX. Consiste em ensinar a leitura partindo de pequenas histórias” que geralmente são adaptadas ou criadas pelo próprio professor. Tem como objetivo introduzir o conhecimento alfabético da língua fazendo com que a criança ao ouvir histórias consiga obter o gosto pela leitura. (CARVALHO, 2005, p. 33).

O método consiste em desmembrar o texto em frases, fazendo com que a criança repita as frases. Logo em seguida, “vem a etapa do reconhecimento das palavras”. Algumas palavras são repetidas, “o que facilita a memorização”. Depois disso passa-se para a “etapa da divisão das palavras em sílabas e finalmente a composição de novas palavras com as sílabas estudadas”. (CARVALHO, 2005, p. 33).

Método global ideovisual de Decroly – “foi criado no início do século XX por Ovide Decroly médico, psicólogo e educador belga”. O método de Decroly “propõe que o ensino se desenvolva por centros de interesse e não por matérias isoladas, como se fazia nas escolas tradicionais”. Os conteúdos a serem

estudados deveriam partir do interesse da criança. O programa escolar deveria conter conhecimentos com relação às necessidades básicas da criança. “Decroly entendia a leitura sendo fundamental nas atividades de expressão, de observação e de criação”. (CARVALHO, 2005, p. 35).

Freinet foi um educador francês, “professor primário que pôs em prática novas idéias” sobre aprendizagem leitura e escrita. Ele divulgou, escreveu livros e editou revistas. Freinet “introduziu inovações em escolas rurais no interior da França, cuja população preferia a pedagogia tradicional da época.” Seu método foi chamado de Método global Natural (CARVALHO, 2005, p. 36).

Freinet defendia que a “inteligência, o gesto, a sensibilidade desenvolvem-se através da livre expressão, do trabalho manual, da experimentação.” (CARVALHO, 2005, p. 36).

Para ele a criança lerá e escreverá com interesses as suas necessidades e experiências. “O método natural pressupõe que a criança se familiariza com a escrita por imersão na escrita, à medida que interage com textos, ouve histórias, faz tentativas de escrita”. Em outras palavras, “a criança aprende a ler lendo, aprende a escrever escrevendo”. (CARVALHO, 2005, p. 37).

“O método global da palavração propõe o ensino das primeiras letras partindo de palavras-chave”. Geralmente “as palavras são destacadas” em um texto e em seguida são “desmembradas em sílabas”, formando novas palavras. (CARVALHO, 2005, p. 41).

Ao longo dos tempos podemos perceber que houve a necessidade de se ter uma metodologia que pudesse dar conta do ensino-aprendizagem de forma qualitativa. Devido a esse aspecto, que é de suma importância na educação, houve a necessidade de criar metodologias que dessem conta dessa aprendizagem.

O método sintético foi o primeiro método a ser utilizado na antiguidade com “mais de 2000 anos” (Barbosa, 1990, pág. 46). E sendo até hoje utilizado. Porém alguns teóricos não satisfeitos com o rendimento ou com a metodologia sintética começaram a criar métodos que fossem aplausíveis no ensino das primeiras letras. A partir desse momento surge uma variedade de métodos. Dos quais procuram trazer para o aluno um sentido para a aprendizagem

Entendo que não existe um método que de conta de alfabetizar a todos do mesmo modo, mas compreendo que o professor deve conhecer os métodos de forma que possa utilizá-los na melhor forma possível. A quem defenda o método sintético, da mesma forma, a quem não acredite que esse método dê conta de ensinar as primeiras letras. Mas, o mais importante é que o professor alfabetizador deve ter em mente que a alfabetização deve ter sentido e significado para o seu aluno. É mais do que decifrar e codificar palavras isoladas é fazer com que o texto tenha sentido, é compreender o que se lê. Os métodos analítico e analítico-sintético surgem do movimento de se romper com o método sintético, pois havia uma preocupação em formar pessoas letradas e não simplesmente em formar pessoas alfabetizadas.

Hoje existe uma preocupação por parte do professor alfabetizador qual método se deve usar? Devido à variedade de métodos, podemos dizer que existem métodos pra tudo quanto que é gosto. Porém existe uma dificuldade a ser vencida. O professor tende a reproduzir o que ele aprendeu ao longo da sua vida, isso muita das vezes se torna um empecilho para o professor ao querer aprender e experimentar novas metodologias que possam dar conta de fornecer um resultado melhor ao seu trabalho como professor alfabetizador.

4. O ENSINO DA LEITURA NA CARTILHA PORTA ABERTA

A Cartilha Porta Aberta é objeto de meu estudo e discussão neste capítulo, e isto ocorre por conta de uma experiência própria vivenciada em pleno estágio que realizei na Escola Particular Colégio Maria Cecília Vaz – onde fiz meus estudos até a 7ª Série, época em que o nome da Escola era Centro Educacional Sul Americano, e era situado em outro endereço, porém no mesmo Bairro.

Instigada diante da idéia de estar estagiando na mesma escola em que estudara, e desejosa em confrontar minha temática monográfica com a atual realidade da referida escola, optei por atentar-me ao material didático presente nas classes de alfabetização e incorporar em minha monografia.

Por conhecer a diretora, me senti a vontade para pedir licença e me fazer presente em sua unidade de ensino. Mesmo não conhecendo a professora da classe de alfabetização, tive uma excelente abertura, mediante a apresentação feita pela diretora, e não tive problemas em fazer a observação na sala de aula, não houve resistência por parte da professora.

Ao chegar à sala de aula fui muito bem recebida pela professora, que me apresentou a turma, dizendo que eu estaria ali por alguns dias estudando com as crianças.

Na turma de alfabetização onde fiz a observação, a professora Josilea adotou a cartilha Porta Aberta – Alfabetização, autoras: Isabella Carpaneda e Angiolina Bragança, editora FTD.

A cartilha possui 248 páginas e utiliza o método analítico-sintético conhecido também como método misto. Como já foi dito o método misto parte do pressuposto que o aluno deve aprender a “decodificar os sons da língua, na leitura, e a codificá-lo, na escrita” (CARVALHO, 2005, p. 24).

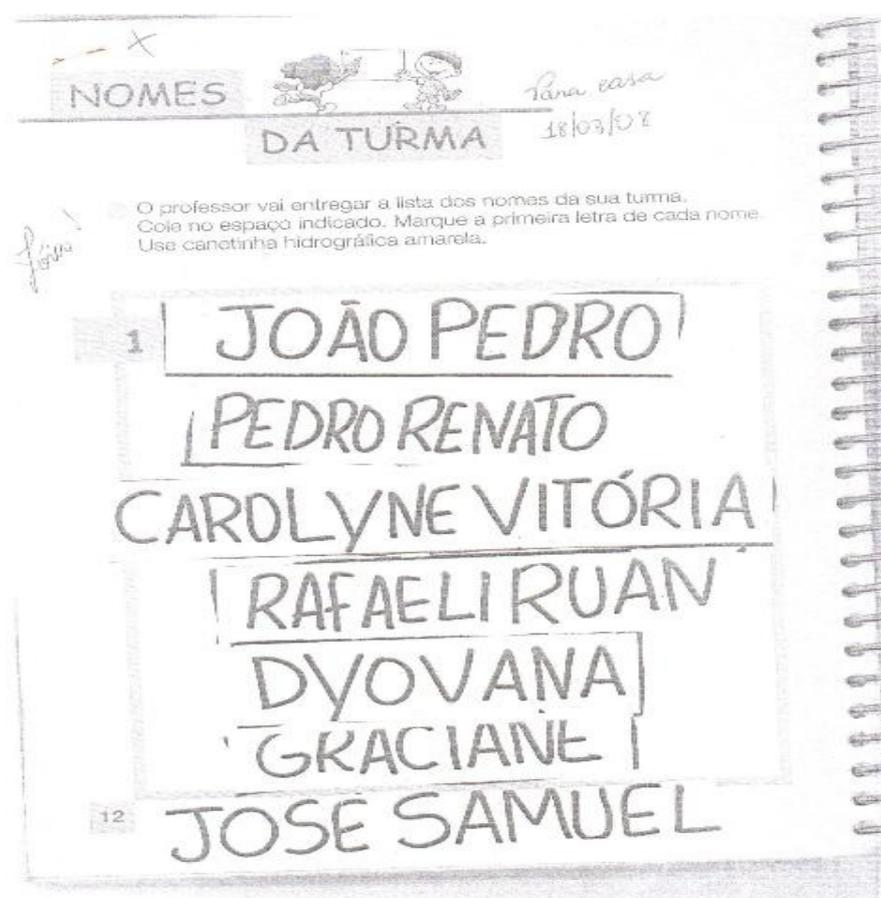
Segundo Barbosa (1991, p. 55)

As cartilhas mistas partem de palavras-chave que são destacadas de uma frase, seguindo para a decomposição em sílabas, formando assim, novas palavras. Sendo estabelecida uma hierarquia de dificuldade, tendo como regra, trabalhar as sílabas já conhecidas pelas crianças.

A cartilha Porta Aberta utiliza do método misto, partindo de palavras-chave que são destacadas de uma determinada lição, seguindo para a

decomposição em sílabas, formando assim, novas palavras, até chegar aos textos com palavras da mesma família silábica.

A página que apresento inicia a cartilha, tem como centro das atividades o nome das crianças da turma. Cada criança deverá conhecer a escrita do seu nome e a dos colegas.



21 – Pg. 12 da Cartilha Porta Aberta

De acordo com o texto “O nome próprio – primeiro texto alfabetizador” levar “para a escola os nomes dos alunos é trazer algo que lhes é caro, que lhes dá importância, que os faz diferentes dos demais.” (p. 20).

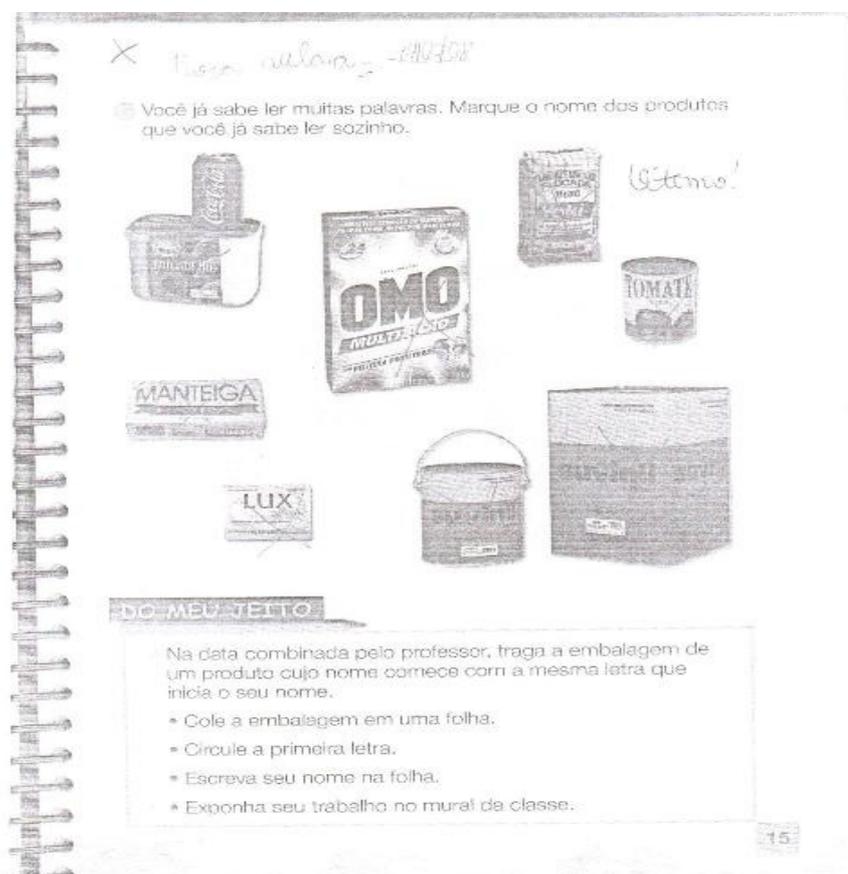
Cabe ao professor saber utilizar este recurso tão valioso para aprendizagem de seu aluno. Este recurso faz com que a criança tenha um contato maior com a forma gráfica de seu nome, pois com este contato a criança terá a oportunidade de observar, comparar e confrontar a escrita de seu nome,

com a escrita do nome dos seus colegas. *Cabe ao professor oferecer as condições para a criança experimentar e descobrir a base alfabética da escrita com a compreensão do significado.* (p.21)

Trabalhar com o nome próprio de cada aluno é fazer com que esse aluno perceba que por mais que “existam mil pessoas com nomes iguais” ao dele, mas ao mesmo tempo esse nome é único, por se tratar da sua identidade. (p. 20).

Segundo Magalhães em Portugal por volta do século XVII utilizava-se como um dos recursos para se alfabetizar, o próprio nome do aluno. “Os aprendizes tomavam como suporte básico o seu próprio nome, a partir do qual eram iniciados aos sinais gráficos e fônicos e aos seus valores.” (Revista Brasileira de Educação, nº 2, 1996. Magalhães, 1996).

Depois, foi à vez das marcas dos produtos, que são conhecidas pelas crianças. Esse exercício tem como o seguinte título: “você já sabe ler muitas palavras. Marque o nome dos produtos que você já sabe ler sozinho”. (pág. 15) Aparecem os seguintes nomes: Coca-cola, Omo, Yoki, Tomate puro, Suvinil, Lux, manteiga. Nesse exercício a criança irá marcar o que ela já sabe ler.



Isso nos mostra que a criança quando chega à escola já sabe ler. Ela tem a sua leitura de mundo, suas experiências. Ela não é uma “tábula rasa”, sem conhecimento, sem experiência de vida. Porém, a escola enfatiza que a criança não sabe ler. Pela visão da escola, a criança só será alfabetizada quando souber decodificar ou oralizar a língua escrita.

Segundo Davis e Oliveira (1994, pág. 22)

Conseqüentemente, parte-se do princípio de que os ensinamentos que ocorrem na escola principiam na sala de aula. Na verdade, muitos anos antes de entrar na escola, a criança já vem desenvolvendo hipóteses e construindo um conhecimento sobre o mundo, o mesmo mundo que as matérias ditas escolares procuram interpretar.

Concordando com Davis e Oliveira a escola comete um erro em pensar que a aprendizagem ocorre na fase de escolarização. O que não acontece. A criança quando chega à escola ela já tem a sua concepção de leitura e escrita. Isso ocorre, porque a criança aprende através da família, de pessoas que ela considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das suas experiências no cotidiano. Porém a escola se apresenta como instituição responsável pela educação sistemática das crianças.

Pode vir a ocorrer de a criança perder o prazer de querer aprender, pelo fato de perceber que o seu conhecimento não tem sentido para a escola, se ela for vista como alguém que não tem conhecimento e que para adquirir esse conhecimento, ela deve se enquadrar em uma metodologia que não prioriza o conhecimento que ela leva para a escola. Com isso, a escola sente a necessidade de moldar a criança ao seu próprio modelo. Mostrando a criança que ela precisa fazer os exercícios mecânicos e repetir várias vezes, o mesmo exercício, para aprender a ler e escrever.

Segundo (BARBOSA, 1991): para a escola, a leitura e a escrita se trata de uma aquisição de um conhecimento escolar. Ele ainda nos diz que o método tradicional pressupõe a ignorância de todos. Sendo assim, procura manter a todos como tábula rasa diante do conhecimento que é exigido pela escola, e que até então é desconhecido pela criança. Ao ponto da criança ser “preciso sofrer uma iniciação” para mostrar que é capaz de aprender.

Segundo as autoras Davis e Oliveira (1994, pág. 23): a criança passa por uma “transformação” ao entrar na escola. A sua forma de pensar muda, se antes

o seu “conhecimento” era natural e espontâneo, depois, de entrar na escola o seu pensamento precisa ser organizado pela escola de forma que “propicie o aprimoramento dos processos de pensamento e da própria capacidade de aprender”.

A escola pressupõe que a criança seja uma tábula rasa e procura colocar todas no mesmo nível de conhecimento. Esquecendo que cada uma delas tem experiências particulares e diversificadas e que essas experiências precisam ser trabalhadas pela escola.

Segundo Freinet a criança aprende com interesses relacionados à sua experiência. (FREINET, 1977. Apud, CARVALHO, 2005).

Para Davis e Oliveira (1994), para que a aprendizagem ocorra à criança deverá manter experiências com o seu grupo, sendo assim, socializar as suas experiências e vivenciar as experiências do outro. Desta forma a criança estará se apropriando e construindo o seu próprio conhecimento de mundo.

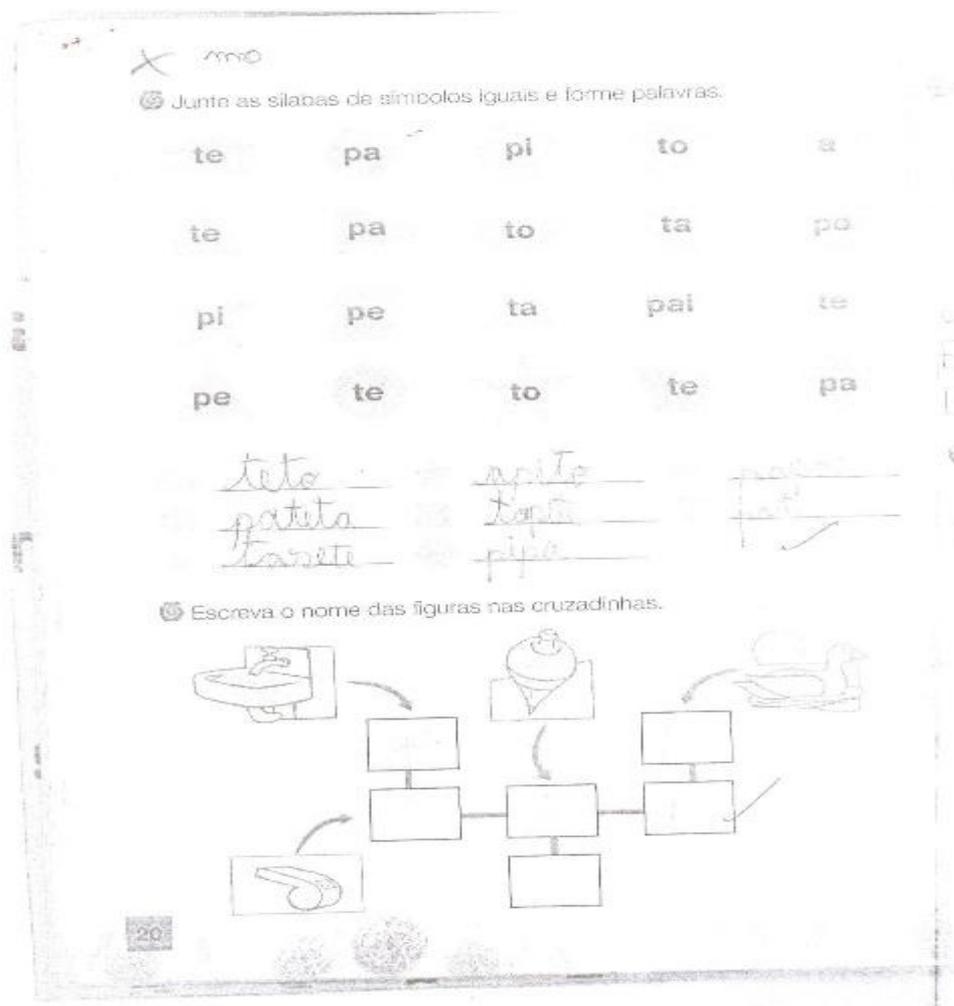
Segundo Feil (1986, pág. 3)

A liberdade só é possível mediante uma atividade pessoal, direta e diferenciada, sem, no entanto, perder o contato com a comunidade que a sua classe representa.

Concordando com Feil, a escola precisa permitir à criança uma liberdade de se expressar, sem impor situações que exijam da criança uma “disciplina”. Pois, quem garante que a disciplina leva a aprendizagem? A criança precisa explorar seu universo, fazendo uso desse universo. Tendo a liberdade de se desenvolver naturalmente. Expor suas idéias, criar e experimentar novas realidades.

Em algumas atividades o livro usa a metodologia tradicional. Tem como ponto de partida o estudo dos elementos da língua: letras, sílabas, palavras e frases.

Um dos exercícios do livro diz o seguinte: junte as sílabas de símbolos iguais e forme palavras. Nesse exercício as sílabas estavam inseridas nos símbolos, onde a criança deveria fazer a junção das sílabas, para formar uma palavra.



23 – Pg. 20 da Cartilha Porta Aberta

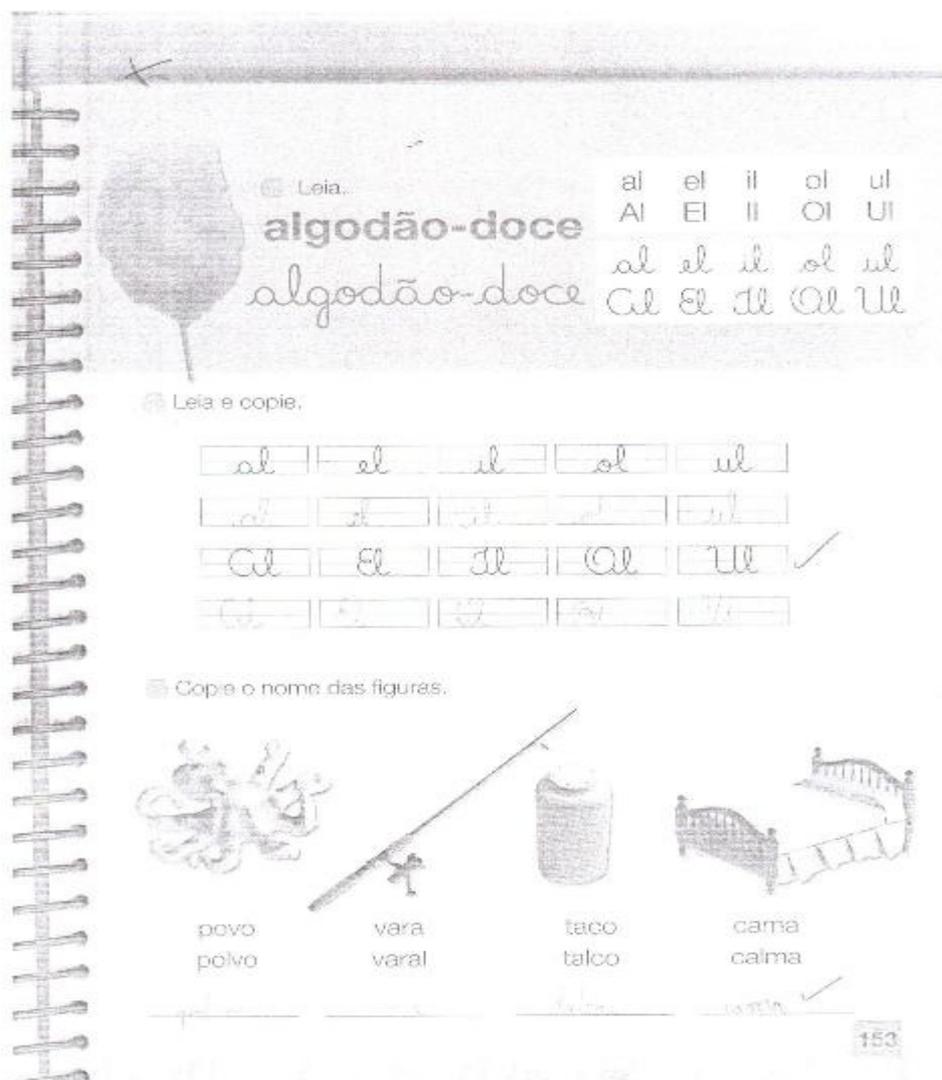
Como podemos perceber, o objetivo dessa atividade é fazer com que o aluno simplesmente junte os símbolos para formar uma palavra, sem ter a preocupação de trabalhar o significado e o sentido da palavra com a criança.

Para o método sintético, o que importa não é o sentido da palavra para a criança, mas, se a criança conseguiu memorizar as letras, os fonemas, as sílabas, para chegar ao texto, tornando-se uma atividade artificial e mecânica para a criança. Ensinar a criança a ler partindo desses elementos, não tem a ver com o sentido e o significado que a leitura exige do leitor. Ler não é decifrar palavras é entender o seu sentido e significado que o texto nos remete.

Na lição, algodão-doce. O livro começa com a palavra-chave algodão-doce, depois as sílabas, al, el, il, ol, ul. Pede-se que a criança copie o nome dos desenhos, que fazem parte do exercício. Neste exercício, ocorreu algo em que

pude verificar a importância do sentido, que a palavra nos emite. Às vezes, temos uma concepção equivocada sobre a leitura. Pensamos que basta decifrar a palavra, que já sabemos ler. É aí, que nos equivocamos.

Neste exercício existiam alguns desenhos que a criança teria que escrever o nome, ou melhor, copiar. Sendo que existiam duas palavras que eram parecidas. Ex: tinha o desenho do polvo, e embaixo do desenho tinha duas palavras, povo e polvo. A criança tinha que copiar a palavra que correspondesse aquele desenho. Para quem sabe ler, é muito fácil. Mas, para quem está aprendendo a ler, partindo do método de decifrar as palavras, não é tão fácil, assim.



24 – Pg. 153 da Cartilha Porta Aberta

Isso nos mostra, que para alfabetizar devemos ir além, do simples fato de ensinar as letras. Devemos trazer o conhecimento existente da criança, para a

sua aprendizagem. O que adianta ensinar uma criança a ler, se a mesma não entende o sentido do que lê?

Segundo Feil (1986, pág. 27)

Ler, para estes métodos, significa decifrar. Esses elementos (sons, sílabas e até mesmo palavras) nada têm a ver com o sentido e, por outro lado, sabemos que o indivíduo que não souber o sentido das palavras e só souber decifrar ainda não aprendeu a ler.

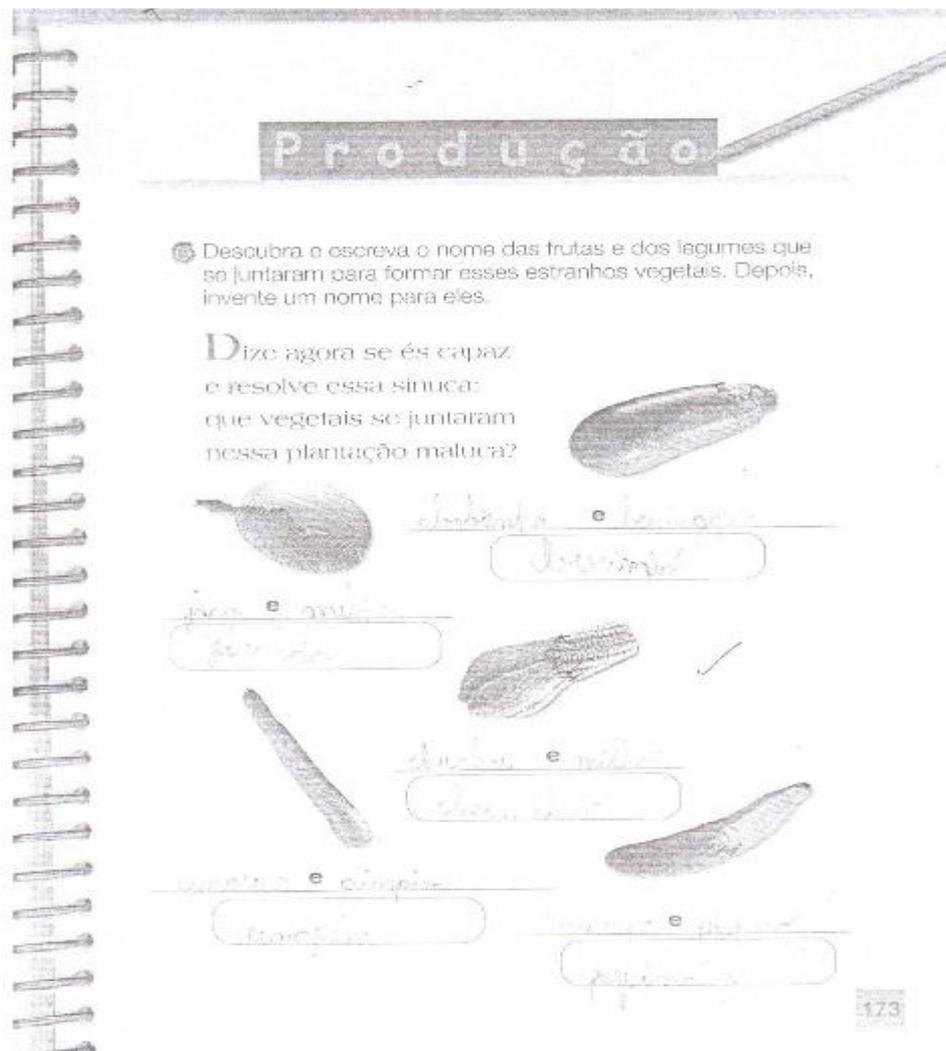
Concordando com Feil a leitura não é só decifrar palavras, é saber o sentido que essa palavra nos remete.

Mas, o que percebo é que o mais difícil não é aprender a ler. Porque com um método, ou outro, a criança irá “aprender a ler”. O mais difícil é como ensinar a ler, com sentido e significado para a criança. O professor ensina conforme aprendeu. Acreditando que este seja o método correto quando vemos um professor usando uma cartilha e sendo “fiel” a essa cartilha, é porque ele acredita na metodologia dessa cartilha. Quando falo em ser fiel a cartilha, estou me referindo ao fato do professor ter que dar conta de usar a cartilha toda, de passar o conteúdo que está na cartilha. Não sobrando tempo para fazer atividades que possam ser mais compensadoras para a criança e para a sua aprendizagem.

Pois, o sonho de qualquer professor alfabetizador é alfabetizar seus alunos da melhor maneira possível. Sendo que nem sempre isso é possível. Se a escola adota uma cartilha os pais exigem que o professor use a cartilha toda. Não só os pais, a própria escola, exige do professor que o mesmo tenha passado todas as lições para o aluno. O que acaba acarretando, em uma aprendizagem que por vezes não faz sentido.

As crianças aprendem a decodificar e a codificar palavras. Mas, não aprendem o sentido real da leitura e da escrita.

Em uma produção de “texto”. A cartilha nos traz o seguinte: nomes de vários legumes e a criação de novos nomes de legumes, a partir da mistura dos nomes dos legumes apresentados na cartilha. Fiquei me perguntando: que sentido teria este exercício? Cenoura com aipim não dá cenapim.



25 – Pg 123 da Cartilha Porta Aberta

Criar nomes que não têm sentido, isso não faz sentido! A meu ver não é uma atividade que esteja trabalhando com a criatividade da criança. Ao mesmo tempo, não consigo ver nessa atividade a criança construindo o seu conhecimento. “Aprendendo” a escrever uma palavra que não existe, isso para mim não é aprendizagem. Mas, o que mais me chamou atenção foi às crianças não estarem perguntando nada a respeito do “novo legume”.

(FEIL, 1986) diz que perdemos muito tempo insistindo com o processo mecânico. Esquecendo que a alfabetização para ter sentido tem que ir além da metodologia mecânica. Ela precisa fazer parte do mundo e da experiência do aluno.

Pensamos que estamos fazendo a coisa certa. Porém, esquecemos do sentido real da palavra. O que é uma cenapim? Nada! Mas pedir para que o

aluno faça a sua própria lista de compras é muito mais, do que uma invenção de palavras sem sentido.

Quando damos oportunidade aos alunos para que criem suas próprias histórias. Encantamo-nos com tanta criatividade e percebemos que eles sabem muito mais do que imaginamos.

Infelizmente, ainda pensamos que nossos alunos não são capazes de criar histórias que nos fascinam. Não exploramos sua criatividade, permitindo que escrevam e o pior dizemos que eles não são criativos.

Freinet (1977) defende a teoria de que a criança se familiariza com a escrita por uma imersão a escrita. Ela aprende a escrever, escrevendo. Isso, partindo da sua própria experiência, fazendo com que a criança tenha interesse em querer escrever. (CARVALHO, 2005).

No exercício abaixo o livro propõem uma atividade textual direcionada com as palavras estudadas na lição, não estimulando a produção textual livre e espontânea da criança, resumindo em um texto pobre onde a criança não tem a possibilidade de intervir na sua produção textual.

Leia.

 caju	 jaca	 cajá
 Juca	 Cacá	 Juju

* Agora copie o texto substituindo as figuras pelos seus nomes. Depois leia rápido, sem tropeçar.

O  do 

A  e o 

O jacá da 

A  e o 

O caju do Juca _____
A jaca e o cajá _____ ✓
O jacá da Juju _____
A Juju e o Cacá _____

51

Segundo Carvalho, (2005, pág. 49):

A raiz da palavra texto é a mesma da palavra tecer. O texto é um tecido feito com palavras, assim como o pano é um tecido de fios. Fios soltos não formam um tecido, palavras soltas, desconexas, sem um sentido que as aproxime, não forma um texto.

De acordo com Carvalho, “o texto é um tecido feito com palavras” de forma que precisa ser conexo, ter sentido, não importa que seja uma frase ou um texto curto, mas é preciso que expresse um significado completo, que faça sentido para quem lê como para quem ouve.

O importante em uma turma de alfabetização é estimular a escrita nos alunos como algo espontâneo e prazeroso, incentivar os alunos a escreverem sobre o que eles quiserem. A leitura deve ser estimulada nessa fase, pois acreditamos que na alfabetização podemos formar em nossos alunos o prazer pela leitura, depende como trabalhamos a leitura com esse aluno, se é de forma que lhe proporciona prazer ou de forma a lhe proporcionar desprazer.

Segundo Michel, apud, Carvalho, 2005, pág. 67:

O gosto pela leitura pode ser cultivado desde a alfabetização... Sugere mostrar as crianças que saber ler é “fazer acordar as histórias” que dormem nos livros. Atividades de leitura bem selecionadas mostram aos alunos que eles se alfabetizam para aprender, para diverti-se, e para fins práticos, como ler um cartaz, um aviso.

Concordando com Michel, cabe à professora alfabetizadora incutir em seus alunos o prazer pela leitura. Formar nesses alunos, futuros leitores, o prazer pela leitura, que os mesmo possam ver a importância da leitura em seus mundos. A leitura com sentido e significado ou por que não dizer, formarmos alunos letrados e não apenas alfabetizados. Alunos críticos e autores de sua própria história?

É necessário que o professor perceba que é possível alfabetizar seus alunos com sentido e significado, o que é possível, como veremos no próximo capítulo.

5. CONTRIBUIÇÃO DO PCN NA ALFABETIZAÇÃO

O projeto PARÂMETROS EM AÇÃO, tem como propósito articular a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, para a Educação Infantil, Educação Indígena e para a Educação de Jovens e Adultos. A idéia central desse projeto é favorecer a leitura compartilhada, o trabalho conjunto, a reflexão solidária, a aprendizagem em parceria. A organização do projeto se dá em módulos de estudo sendo que no final de cada módulo, está prevista uma auto-avaliação. Deste modo, o projeto Parâmetros em Ação desenvolve elementos que possam aprimorar o ensino-aprendizagem na sala de aula. Cujas função principal é apoiar os sistemas de ensino no desenvolvimento de propostas pedagógicas de qualidade, na perspectiva de uma educação para a cidadania. (1999, pág. 8)

A SEF/MEC oferece às secretarias de educação os Referenciais Curriculares a realização, em parceria, com o projeto PARÂMETROS EM AÇÃO. *Essa atividade foi planejada para ser realizada em um contexto de formação de profissionais de educação.* (1999, pág. 9)

O projeto vê a necessidade de discutir sobre as propostas didáticas de alfabetização por meio de textos, sendo manifestada por professores de alfabetização, pelo fato de, *até o momento, não haver publicações do Ministério da Educação elaboradas especificamente para o trabalho de formação de alfabetizadores.* (1999, pág.15)

O projeto tem com objetivo mostrar ao professor que é possível alfabetizar seus alunos de forma mais produtiva com a utilização de textos.

As propostas de escrita e leitura devem ser planejadas, o professor deve ter o cuidado de fazer atividades, nas quais as crianças pensem, reflitam, raciocinem, errem para poder acertar, façam deduções ainda que nem sempre corretas, pois o erro é de suma importância na construção do conhecimento da escrita

O leitor realiza um processo ativo na construção do significado do texto, através da noção de conhecimento que já possui, a respeito do assunto e do que sabe sobre a língua... Ninguém pode remover informações do texto escrito decodificando letra por letra, palavra por palavra.

A leitura envolve uma série de tática, isto é, de recursos para construir significado; sem elas, não é possível alcançar presteza e habilidade.

Neste sentido é preciso estimular a leitura compreensiva dos alunos. Para isso, conhecer os mecanismos ou estratégias de leitura é fundamental ao professor. Iremos agora apresentar algumas delas descritas pelo PCN.

5.1. Estratégias de seleção

Ao ler, nosso cérebro “sabe”, por exemplo, que não precisa se deter na letra, admite que o leitor se detenha apenas aos códigos úteis, desprezando os irrelevantes.

5.1.1. Estratégias de antecipação

Torna-se plausível antecipar o que ainda está por vir, com base em elementos explícitos e em hipóteses. *Se a linguagem não for muito rebuscada e o conteúdo não for muito novo, é possível eliminar letras em cada uma das palavras escritas em um texto, sem que a falta de informações prejudique a compreensão.* (1999, pág. 67)

5.1.2. Estratégias de inferência

Permite captar o que não está dito no texto de forma explícita. A inferência é aquilo que “lemos”, mas não está escrito. É o chamado “ler nas entre linhas”. O leitor faz a sua interpretação mediante o seu conhecimento prévio de mundo. (1999, pág. 67)

5.1.3. Estratégias de verificação

Tem com intuito de controlar a eficácia ou não das demais estratégias, permitindo confirmar, ou não, as reflexões realizadas. A estratégia de verificação serve para diagnosticar a compreensão à leitura. (1999)

5.1.4. Algumas atividades que o professor deve pensar com relação à leitura:

- *Criar mecanismos de contar história na classe;*

- *Diferença entre ler e contar histórias, entre linguagem oral e linguagem escrita;*
- *O prazer de ler;*
- *A atividade de contar história na classe;*
- *A atividade de Roda de leitura.*
- *Critérios de seleção dos textos literários; (PCN, 1999. Pág. 51)*
- A importância do trabalho com diferentes tipos de textos. O professor deve fazer uso das diversas formas textuais.
- O professor deve disponibilizar os mais variados materiais literários para que seus alunos possam escolher o que querem ler.
- O educador deve incentivar a leitura mesmo que seu aluno não saiba ler, a criança deve se apropriar da leitura sensorial, de forma que a mesma se interesse em aprender a ler.

5.1.5 Aprendendo a escrever

As crianças geralmente, ao ingressarem na escola, são submetidas a atividades de preparação para a leitura e a escrita, em geral cópia de palavras que já foram memorizadas e que em sua maioria não faz sentido para as crianças. Tendo como princípio primeiro copiar sílabas, depois palavras e frases, ficando para mais tarde a produção da escrita autônoma. Já fora da escola a aprendizagem não se dá desta forma, as pessoas aprendem a escrever escrevendo, a ler lendo. A escola ainda mantém a concepção tradicional de que a alfabetização *dá prioridade ao domínio da técnica de escrever, não importando propriamente o conteúdo.* (PCN, 1999. Pág.73)

Segundo o Parâmetro em Ação:

Para aprender a escrever, é fundamental que o aluno tenha muitas oportunidades de fazê-lo, mesmo antes de saber grafar corretamente as palavras: quanto mais fizer isso mais aprenderá sobre o funcionamento da escrita. A oportunidade de escrever quando ainda não sabe permite que a criança confronte hipóteses sobre a escrita e pense em como ela se organiza, o que representa, para que serve. (1999, pág. 73)

Concordando com o Parâmetro em Ação, a criança precisa ter a oportunidades de se apropriar da escrita, não tendo a preocupação da grafia

correta das palavras, mas com a inquietação que a criança confronte hipóteses sobre a escrita, criando a sua autonomia com relação à escrita. Se uma escrita faz sentido para a criança, ela não precisa copiar indefinidamente para aprender.

Segundo Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (1999, pág. 73) é de suma importância considerar os alunos *como escritores plenos, capazes de produzir textos diversos dirigidos a destinatários reais*. O professor deve se conscientizar da necessidade que o aluno tem de ser inserido no ato de escrever, pois *implica no controle de dois aspectos fundamentais: o que escrever e como escrever*. Isso implica o domínio da escrita, pois o aluno precisa pensar em como escrever, em como colocar as suas idéias no papel, como organizar seu pensamento de forma que seja coerente a todos os que lêem.

5.1.6. Trabalhando com o nome próprio

O parâmetro em Ação propõe iniciar a leitura e a escrita partindo do próprio nome da criança. Começar a ser alfabetizado partindo do próprio nome é algo que remete interesse, significado, sentido, pois se trata do próprio nome da criança e dos seus colegas de classes. Nessa atividade o professor pode trabalhar a quantidade de letras, a variedade, a posição e a ordem delas, além de servir de referência para *confrontar as idéias das crianças com a realidade da escrita convencional*. (1999, pág. 75)

Segundo o Parâmetro em Ação:

Aprender a escrever determinadas palavras de seu universo pode servir de referência para o aluno produzir depois seus textos escritos. Por exemplo: a lista de frutas preferidas pela turma, dos objetos escolares e outras. Isso amplia seu repertório de palavras estáveis – ou seja, palavras que consegue reconhecer mesmo sem saber ainda ler convencionalmente. (1999, pág. 75)

Concordando com o Parâmetro em Ação as palavras que o professor utiliza para alfabetizar devem fazer parte do universo das crianças de modo que venham a servir de referência na produção de textos escritos. É uma forma de o

professor ampliar o repertório das palavras que a criança consegue reconhecer mesmo que não saiba decodificá-la.

O Parâmetro em Ação propõe algumas atividades de escrita com o nome:

- *nomes dos colegas, para identificar atividades realizadas;*
- *nomes dos colegas em uma agenda de telefones e endereços;*
- *lista dos títulos das histórias preferidas pela classe;*
- *lista de nomes dos personagens de determinada história;*
- *lista dos ingredientes de uma receita;*
- *títulos dos livros na ficha de controle da biblioteca de classe;*
- *lista de nomes dos personagens do programa preferido pela criança.*

(1999, pág. 75)

Deste modo entendemos que é de suma importância o professor alfabetizador criar mecanismos de ensino que facilitem a aprendizagem das crianças. Proporcionando ao educando a condição de compreender a escrita de forma que amplie o repertório de palavras conhecidas, porém, ainda desconhecidas na sua grafia. Com essa atividade o aluno tem a possibilidade de conhecer as letras do alfabeto, pois ao escrever a palavra ele terá como opção de ir ao alfabeto e conhecer a grafia daquela determinada letra. É importante que o professor disponibilize o alfabeto em sala de aula e no caderno da criança, para que o mesmo tenha a opção de “pesquisar” sempre que for preciso.

Para Foucambert (1994), a leitura implica a todo o momento sermos questionados pelo mundo e por nós mesmo, significa encontrarmos as respostas na própria escrita, construir a todo o momento resposta que integram as informações que fomos construindo.

Segundo Foucambert (1994, pág. 8)

A oralização é a atividade que permite construir uma cadeia oral a partir do escrito. Na pedagogia da leitura, essa oralização supostamente permite atribuir sentido ao que ainda não tem.

Concordando com Foucambert a escola prefere explorar a oralização sem apelar na compreensão, no sentido próprio do texto, tendo assim, uma forma artificial de se ensinar a ler, formando pessoas iletradas que não conseguem entender o que lêem. A escola acredita que a criança dominando o código da

grafia de uma palavra e sua pronuncia ira fazer desta criança um leitor. A escola deve proporcionar a criança textos que circulam no social e não limitá-la a textos pedagógicos, destinados apenas a ensiná-la a ler.

Entendemos que a leitura não é tarefa só da escola, o professor deve selecionar os textos a serem trabalhados em sala de aula, as crianças devem ter acesso a biblioteca, para que as mesmas possam escolher seus próprios livros, os pais devem ter consciência que a educação dos seus filhos não depende só da escola, nem do professor, a escola, os professores e pais devem articular possibilidades de inserir as crianças no mundo da leitura.

Foucambert estabelece doze maneiras de o professor tornar a aprendizagem da leitura mais difícil.

- 1- Estabeleça como meta o domínio precoce das regras de leitura.*
- 2- Cuide bem para que fonética seja aprendida e utilizada.*
- 3- Ensine as letras ou as palavras, uma a uma, certificando-se de que cada letra ou palavra foi assimilada antes de passar para a seguinte.*
- 4- Defina como objetivo principal uma leitura palavra por palavra perfeita.*
- 5- Não deixe as crianças adivinharem; pelo contrário, exija que elas leiam com atenção.*
- 6- Procure evitar de todas as maneiras que as crianças errem.*
- 7- Dê um feed-back imediato.*
- 8- Detecte e corrija os movimentos incorretos dos olhos.*
- 9- Identifique os eventuais disléxicos e trate-os o mais cedo possível.*
- 10- Esforce-se para que as crianças aprendam a importância da leitura e a gravidade do fracasso.*
- 11- Aproveite as aulas de leitura para melhorar a ortografia e a expressão escrita; insista também em que os alunos falem a melhor língua possível.*
- 12- Se o método utilizado não lhe satisfazer, tente outro. Esteja sempre alerta para achar material novo e técnicas novas. (1994, pág. 13)*

Concordando com Foucambert se o professor quiser tornar a aprendizagem da leitura mais fácil, os itens acima não poderão ser utilizados pelo educador em sala de aula, pois entendemos que as regras de leitura não devem ser utilizadas precocemente, a criança deve adivinhar o que esta lendo, da mesma forma o professor deve ter o cuidado de conhecer o seu aluno, em que

meio esse educando está inserido. Entendemos que o erro é construtivo na aprendizagem da criança, pois, é errando que a criança constrói o seu conhecimento. O professor deve fazer da suas aulas de leitura uma forma prazerosa para os seus alunos, onde não existam cobranças com a ortografia e nem com as regras gramáticas, estes terão muito tempo para aprender todas as regras gramáticas. Neste início a leitura deve ser com sentido de prazer, de descoberta para o educando.

Devemos motivar nossos alunos a serem leitores, a fazerem o uso pleno da leitura, pois entendemos que o não leitor acaba sendo excluído da sociedade. O não-leitor não compreende o que ler, pois para ser um bom leitor é preciso ter um conhecimento prévio do que se lê, a leitura esta interligada ao conhecimento de mundo.

Segundo Foucambert (1994, pág. 30)

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meios desse esforço teórico.

O que motiva um leitor, a ser leitor é o fato dele ser impulsionado, a uma constante busca do conhecimento. A leitura faz com que a todo o momento estejamos trocando as “lentes dos nossos óculos”, ela nos proporciona a visão do fato por diferentes ângulos e a confrontarmos as nossas idéias com as dos outros é nesse processo que construímos o nosso conhecimento de mundo.

A leitura nem sempre é um ato prazeroso, muita das vezes, é tida como obrigação, o que provavelmente não irá proporcionar prazer no ato de ler. Podendo nos acarretar certo desprazer em ler. Chegamos à comprovação de que ler nem sempre é agradável. Sendo assim, às vezes, nos sentimos “culpados” por percepções tão impróprias diante da leitura.

Diante desta realidade o professor deve desenvolver “Dinâmicas de leitura em sala de aula”. Com o objetivo de estimular a leitura entre os alunos, incentivar a expressão de idéias, ampliar o vocabulário e estimular a criatividade do educando.

5.2 Algumas Atividades que o Professor deve Pensar com relação à leitura

1- Distribuir para as crianças cartões com palavras do vocabulário estudado. Cada criança recebe pelo menos um.

O professor conta uma história. No decorrer da mesma, introduz as palavras escritas nos cartões. Cada criança que ouvir a “sua palavra” levantará e mostrará o cartão para o grupo. (Feil, 1985. Pág. 80)

Esta atividade tem como objetivo a memorização da palavra pela criança, ao ouvir a sua “palavra”, a mesma deverá identificar a oralidade com a escrita.

2- Elaborar ou aproveitar pequenas histórias para a criança ler e ilustrar. (Feil, 1985. Pág. 80)

A criança precisa a todo o momento ser motivada a leitura. O desenho e a leitura estão diretamente interligados, a criança precisa associar a escrita ao desenho, de forma que ela consiga fixar à escrita e a leitura da palavra.

3- Histórias em quadrinhos

Sentados no chão, em semicírculo, o professor conta uma história em seqüência, mostrando as gravuras para as crianças.

Depois de contada a história, discutir o conteúdo da mesma. Discutir o que entenderam e como entenderam, o final da história. O professor pode deixar que a criança imagine um final para a história e posteriormente coloca o final que o autor deu comparando os diversos finais.

Passar novamente o livro ou a revista para todos poderem observar as características da história em quadrinhos.

Feito isto, oferecer uma folha com dois balões de “fala”, sugerindo exercícios:

a) Pense em duas crianças, desenhe-as. Escreva nos balões o que uma está dizendo para outra.

b) Imagine um menino triste, desenhe-o e escreva no balão o que está pensando. (Feil, 1985. Pág. 131)

Esta atividade tem o principal objetivo interligar a leitura com a escrita de forma que a criança possa contribuir com o final da história e perceber que a

várias possibilidades de conclusão de histórias, outro ponto muito importante é a possibilidade da criança criar sua própria história e poder relacionar a escrita com o desenho.

Bom mesmo é ir a luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, pois o triunfo pertence a quem se atreve... A vida é muito para ser insignificante. (CHAPLIN)²¹

CONCLUSÃO

Ao pensar sobre a escrita da monografia remete-me a lembrança muitas dificuldades; dificuldades em como fazer, em como escrever, de passar para o “papel” o meu pensamento, de iniciar a escrita. Eu sabia o que tinha que escrever, mas houveram horas, dias em que simplesmente não conseguia escrever, pois, no início eu me sentia perdida com relação ao que escrever, por ser a minha primeira monografia, eram tantas as dúvidas, tantas as incertezas, Em alguns momentos me sentia, simplesmente, bloqueada, e não conseguia escrever.

Existiram desafios a serem vencidos, mas ao mesmo tempo em que eu sabia que precisava vencer esses desafios, pensava em desistir de escrever a monografia. Pensei até em trocar de faculdade, terminar a graduação em uma faculdade particular que não precisasse fazer a monografia. Mas, eu precisava vencer o desafio da escrita, de produzir o meu próprio texto, pois, já havia vencido o desafio de passar no vestibular, agora precisava vencer o desafio de escrever a minha monografia.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.²² (ALENCAR)

Foi neste momento que precisei de muita determinação para ler e escrever. Precisei organizar a minha vida particular e os meus horários, eu precisava arrumar tempo para pesquisar, ler e escrever. Precisei entender que

²¹ Fragmento de texto acesso em 20 de novembro de 2009 no endereço

http://www.pensador.info/p/frases_de_determinacao/1/

²² Fragmento de texto acessado em 20 de novembro de 2009 no endereço:

http://www.pensador.info/p/frases_de_determinacao/1/

por mais que a monografia fosse uma obrigação, era um momento único em minha vida e que eu precisava viver este momento, eu precisava deixar de lado todos os meus problemas pessoais e me dedicar exclusivamente a escrever a minha monografia. Muitas vezes, muitos dias, chorava por não encontrar o que estava pesquisando, ficava com raiva, mas também havia dias em que ficava feliz por conseguir avançar com a monografia. Foi nesse duelo em querer desistir e precisar escrever que fui construindo a minha monografia.

Agora entendo quando a minha professora de pesquisa dizia que o tema da monografia tinha que me instigar a pesquisá-lo, não era simplesmente ter um tema para fazer um trabalho final, precisava ser algo que me instigasse realmente a conhecê-lo, que despertasse o interesse em querer aprender e desenvolver sobre o tema escolhido.

Neste momento aprendi que não importava as dificuldades que tinha, mas, que eu precisava ser determinada com aquilo que queria. Tive que abrir mão de muitas coisas na minha vida, para concluir a monografia. Tive que passar horas e dias na frente do computador escrevendo. Era um constante processo de ida e volta ao texto. Quando terminei, tive uma maravilhosa sensação: como se estivesse sendo mãe, minha monografia foi como uma gestação, senti os enjôos, passei pelo processo de parto, senti as dores de um parto, mas tive a deslumbrante sensação de felicidade ao ver a minha monografia concluída.

Em relação à origem da escrita pude concluir que a escrita surgiu com a necessidade do homem se comunicar, a princípio a escrita tinha essa função, mais tarde surge a necessidade de o homem registrar a sua história.

A arte rupestre tem um papel de suma importância na origem da escrita, pois sabemos que a escrita não começou com as letras, mas sim com os desenhos que eram a forma daquele povo se comunicar.

Até chegar a escrita convencional a qual conhecemos hoje, a mesma passou por várias transformações. A escrita cuneiforme era representada por símbolos, cada símbolo representava uma palavra. Em algumas línguas era necessário que se criasse um sistema de escrita que atendesse a pronúncia diferenciada de cada palavra. Neste momento surge à necessidade de se criar caracteres para a escrita, para que atendesse a necessidade da pronúncia de cada língua. É correto afirmar que a escrita ocidental que temos hoje é de origem

do alfabeto Grego, que possuía a necessidade de marcar as vogais. Como também existem alfabetos que tem letras que o nosso alfabeto não tem, essa representação de caracteres irá depender da própria língua.

Neste momento, a escrita começa a surgir com a necessidade do homem de registrar a sua própria história. Com essa necessidade surge o papiro, com a preocupação de se preservar a escrita. Da mesma forma que a escrita passou por evoluções, o material a ser utilizado para registrar essa escrita também, surgiram outros materiais a serem utilizados para o registro da escrita. Hoje utilizamos o papel, que provavelmente, mais tarde será substituído por algum advento cyberinformático, pela escrita on-line, como forma de registrar todas as nossas anotações, talvez os livros não sejam impressos como hoje o conhecemos, o que nos faz pensar em uma escrita e leitura on-line. Onde o leitor só precisará ter um computador e estar conectado à internet.

Da mesma forma como material a ser utilizado para a escrita mudou, o próprio conceito de leitura mudou, antigamente os gregos utilizavam uma estratégia de leitura diferenciada da qual utilizamos hoje, na época era difícil o acesso aos livros, com isso os gregos utilizavam da técnica da oralidade, para transmitirem a sua cultura. Hoje, utilizamos a técnica da leitura em silêncio, por termos um acesso mais amplo ao mundo da leitura.

Sobre os métodos de alfabetização cheguei à conclusão que há a necessidade do professor alfabetizador conhecer os mais variados métodos de alfabetização, pois não existe um único método que de conta para se alfabetizar, não existe uma receita pronta para se alfabetizar. Cada aluno tem a sua particularidade e o professor alfabetizador tem que estar atento, de forma que possa intervir da melhor forma no processo de ensino aprendizagem do educando. Para que isso ocorra, o educador precisa sempre estudar, se manter atualizado e o mais fundamental é que entenda que não é porque ele foi alfabetizado por um método que seus alunos deverão ser alfabetizados pelo mesmo método. É um processo de reciclagem não só dos seus conhecimentos, mas reciclar o seu pensamento que já está tão moldado por práticas ou métodos pedagógicos. O educador deve fazer com que essa alfabetização tenha sentido para o seu aluno, despertar o interesse pela leitura no seu educando. A alfabetização não é simplesmente ensinar a codificar e decodificar palavras, mas

é tornar algo a mais a esse educando, é proporcionar a condição dele se tornar uma pessoa letrada. Por este motivo o educador deve ter o cuidado de escolher o (s) método (s) a ser (em) utilizado (s).

Com relação à cartilha como forma de aprendizagem da leitura na escola, pude concluir que a escola ainda se prende a cartilha como forma de se ensinar a ler e escrever, o autor pensa em todas as atividades, textos e metodologia para que o professor utilize em sala de aula. E muitas das vezes, vemos textos nos quais não fazem sentido para as crianças, vemos atividades que consistem em, simplesmente, reproduzir o conhecimento, as crianças copiam palavras isoladas não fazendo sentido para as mesmas. Dificilmente se pede para que a criança crie o seu próprio texto, na produção do seu conhecimento.

Em relação à cartilha Porta Aberta, pude concluir que ela utiliza o método misto, parte do pressuposto que a criança irá aprender a ler e escrever partindo da decodificação e codificação de palavras isoladas.

Possui atividades com o próprio nome da criança, pois entendemos que é de suma importância o professor começar a alfabetizar partindo do próprio nome da criança. A cartilha procura, da mesma forma, trabalhar com as marcas conhecidas pelas crianças, numa forma de fazer com que esse aluno perceba que ele já sabe ler.

Porém o livro trás atividades tradicionais tendo como principio que para a criança aprender a ler e escrever ela deverá conhecer primeiramente o código alfabético, para depois, conhecer as sílabas, palavras e frases. Como sabemos a criança quando aprende a falar ela não aprende soletrando as palavras, ela não fala uma sílaba para depois, aprender outra sílaba, ela aprende a palavra por completo em um contexto que tem sentido e significado.

Estudar sobre a alfabetização me deu mais segurança para atuar numa turma de alfabetização, pois tive a oportunidade de estudar vários métodos de alfabetização, me fez pensar em uma alfabetização com sentido e significado para os meus futuros educandos, a necessidade de formar futuros leitores na alfabetização. Compreendo que a monografia foi o inicio de uma aprendizagem sobre um tema que é tão amplo, pois estudar sobre a alfabetização me fez desejar continuar os meus estudos em uma pós-graduação em alfabetização,

pesquisar mais sobre o tema, ler artigos, enfim, entendo que ser professor alfabetizador é permanecer estudando, se atualizando, para poder alfabetizar com sentido e significado formando assim, futuros leitores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, JOSÉ JUVÊNCIO. Alfabetização e Leitura. São Paulo: Cortez, 1991.

BORGES, JORGE LUIS. 2007. Blog: letraslivroseafins. Disponível em <http://letraslivroseafins.blogspot.com/> acesso em 12/06/2009

BOTO, CARLOTA. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educ. Pesqui.* [online]. 2004, vol.30, n.3, pp. 493- Disponível em WWW.scielo.br acesso em 09/06/2009.

CAGLIARI, LUIZ CARLOS. Resenha Alfabetizando sem o Bá – Bé – Bi – Bó – Bu. 1ed. São Paulo: Scipione, 1998.

CARNEIRO, ELMA. Espaços das Artes criado em 26/03/2009. Disponível em: <http://enciclo-egyptus.blogspot.com/> acesso em 20/06/2009

CARVALHO, MARLENE. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CURY, AUGUSTO. Pais Brilhantes Professores Fascinantes, Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FEIL, ISELDA TEREZINHA SAUSEN. Alfabetização - um desafio novo para um novo tempo. 8ª ed. Ijuí, Vozes/Fidene, 1986.

FERREIRA, MAGALI LUZIO. História dos documentos norteadores do processo ensino-aprendizagem da rede municipal de Campo Grande /MS. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/GT2%20PDF/Histedbr%20HIST%20RIA%20DOSDOCUMENTOS%20NORTEADORES%20O%20PROCESSO%20GT%203.pdf acesso em 09/06/2009.

FREINET, CÉLESTINI. O Método Natural I; a aprendizagem da língua. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1968 [Lisboa: Estampa, 1977]. Disponível em:

<http://modernidadeartes.blogspot.com/2009/03/cavernas-saloes-de-arte.html>
acesso em: 15/06/2009.

Disponível em:

http://www.verbalog.com/cyro/wpcontent/uploads/2008/06/escola_aristoteles.jpg
acesso em 15/06/2009.

INÊZ, MARIA. VISÃO Histórica do Ensino-Aprendizagem da Lecto Escrita. Disponível em: <http://pedagogia.tripod.com/lectoescrita.htm> acesso em 09/06/2009.

LIMA, ILANE COUTINHO DUARTE E AZEREDO, ROSANY. Artigo O livro e seus principais suportes: papiro, pergaminho e papel. S/D. Disponível em: http://www.unices.com.br/html2/arquivos/artigo_rosany.doc. acesso 20/07/ 2009.

MAGALHÃES, JUSTINO PEREIRA. Linhas de investigação em história de alfabetização em Portugal. Disponível em Revista Brasileira de Educação. Amped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Nº 2, 1996.

MARTINS, MARIA HELENA. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense. 19ª edição, 1994.

NERO, CYRO DEL. Blog. Disponível em:

<http://www.ipvalparaiso.org/educacao08.htm> acesso em 20/06/2009

NUNES, LYGIA BOJUNGA. Livro um encontro com Lygia Bojunga Nunes, Rio de Janeiro: Agir. 1988.

SANGENIS, LUIZ FERNANDO CONDE. Gênese do Pensamento Único em educação. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOARES, MAGDA. LETRAMENTO: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VASCONCELOS, GENI AMÉLIA NADER. (Org.) Como me Fiz Professora, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.